

TESTEMUNHOS DO PÂNICO QUE ANTECEDEU A INVASÃO ESPANHOLA À COLÔNIA LUSA DO BRASIL MERIDIONAL (1763)

Francisco das Neves Alves



**TESTEMUNHOS DO PÂNICO QUE
ANTECEDEU A INVASÃO ESPANHOLA
À COLÔNIA LUSA DO BRASIL
MERIDIONAL (1763)**

FICHA TÉCNICA

Título: *Testemunhos do pânico que antecedeu a invasão espanhola à colônia lusa do Brasil Meridional (1763)*

Autores: Francisco das Neves Alves

Coleção: Documentos, 5

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2016

ISBN – 978-989-8814-38-8

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto «UID/ELT/00077/2013»

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da FURG, Doutor em História pela PUCRS e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); Universidade de Lisboa (2013) e Universidade Nova de Lisboa (2015). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou aproximadamente cem livros.

Francisco das Neves Alves

**Testemunhos do pânico que
antecedeu a invasão espanhola
à colônia lusa do Brasil
Meridional (1763)**



- 5 -

CLEPUL / Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande

2016

Índice

Do medo coletivo à concretude da invasão	7
Uma Devassa: homens, mulheres, autoridades e religião: o pânico não poupou ninguém	31

DO MEDO COLETIVO À CONCRETUDE DA INVASÃO

O século XVIII constituiu uma época prenhe em guerras que, tendo por epicentro a Europa, iriam espalhar suas consequências em diferentes partes do globo, originando-se um processo de mundialização dos conflitos bélicos que viriam a adensar-se nas centúrias seguintes. As questões dinásticas, a luta pela hegemonia continental e os conflitos de natureza colonial foram alguns dos fatores motores de tais guerras que serviam à consolidação das nacionalidades em vários dos países europeus. Nessa época, Portugal e Espanha haviam perdido o status de nações hegemônicas e passavam cada vez mais a atuarem como satélites de outros estados mais poderosos, no intrincado quadro das relações internacionais. De acordo com tal posição, nos diversos enfrentamentos que se desencadeavam, os dois países ibéricos adotariam posições antagônicas, pois, em linhas gerais, enquanto os portugueses aliavam-se à Inglaterra, os espanhóis o faziam em relação à França, duas das nações que mais intensamente confrontavam-se pela preeminência mundial.

As várias guerras ocorridas na Europa promoviam efeitos indeléveis no continente americano onde também se digladiaram lusos e hispânicos, mormente no que tange à fronteira extremo-sul de suas possessões. Em 1680, a fundação da Colônia do Sacramento pelos portugueses, em seu projeto expansionista em direção à região platina, constituiria verdadeiro momento de inflexão histórica nas relações en-

tre os dois países ibéricos. Os espanhóis não aceitavam a possessão portuguesa, estabelecendo-se um ciclo histórico de cercos, ataques, destruições e apropriações da Colônia, com a posterior devolução aos portugueses, para mais adiante, iniciar-se novamente o processo. Tais enfrentamentos levariam os lusos a buscarem fixar-se nas terras do extremo-sul do Brasil, com a fundação do povoado do Rio Grande, em 1737, com a função precípua de servir como um ponto estratégico de apoio à Colônia do Sacramento.

Desde a década de 1750, prolongando-se à seguinte, se desencadearia mais um conflito bélico europeu, com a Guerra dos Sete Anos, na qual, uma outra vez, Portugal e Espanha estariam em lados opostos. As repercussões na América não seriam diferentes e as autoridades governamentais hispânicas promoveriam mais uma conquista da Colônia do Sacramento, mas, desta vez, avançariam ainda mais sobre o território luso e, em 1763, ocupariam as fortificações de Santa Teresa e São Miguel, chegando até à Lagoa dos Patos e invadindo a povoação do Rio Grande. Ainda que as negociações de paz na Europa tenham determinado a devolução de territórios conquistados, os espanhóis o fizeram apenas em relação à Colônia do Sacramento, permanecendo com a posse da localidade do Rio Grande, a qual só viria a ser reconquistada pelos portugueses em 1776.

A fundação do povoado do Rio Grande se dera a partir do forte Jesus, Maria, José, desenvolvendo-se em seu entorno e, posteriormente, da igreja matriz de São Pedro o núcleo urbano. Os povoadores da jovem possessão lusa em terras sulinas enfrentaram as mais variadas dificuldades que passavam pelas intempéries climáticas e chegavam à enorme dificuldade de abastecimento de parte da metrópole, ficando muitas vezes os colonos abandonados à própria sorte. Além de uma série de estorvos a serem vencidos, esses primeiros habitantes defrontavam-se com um obstáculo ainda mais sério, pois, ao ocuparem um território fronteiriço e até mesmo em litígio, deparavam-se com a perigosa proximidade do inimigo espanhol. Nesse sentido, o receio de uma invasão dos hispânicos viria a constituir um dos primeiros medos

coletivos dos sul-rio-grandenses e a concretização de tal fenômeno, em 1763, potencializaria significativamente esse temor.

O medo é uma sensação ambígua e inerente à natureza humana, constituindo inclusive uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte. Mas, ao mesmo tempo, o medo é um inimigo mais perigoso do que todos os outros, uma vez que, coletivo, ele pode ainda conduzir a comportamentos aberrantes, nos quais a apreensão correta da realidade desaparece. Assim, as reações de uma multidão tomada de pânico ou que libera subitamente sua agressividade podem resultar em grande parte da adição de emoções-choques, trazendo à tona surpreendentes formas de reagir à realidade. Tal angústia, prolongando-se, pode trazer como risco o desagregar de uma sociedade ou ainda introduzir uma dose excessiva de negatividade e de desespero¹. Naquele lustro inicial da década de 1760, os primeiros povoadores rio-grandenses sentiriam concretamente o medo da invasão do adversário, desenvolvendo-se um quadro caótico e de verdadeiro pânico no seio da novel comunidade, ainda mais que a conjuntura da época representava um dos períodos mais conflituosos que a região platina conhecera².

A partir do momento em que o governador de Buenos Aires, Pedro de Cevallos, levando em conta a situação conflituosa na Europa, reuniu numerosa força militar, sitiou e conquistou a Colônia do Sacramento, os receios recrudesceram ainda mais no Rio Grande. Dessa forma, era de intranquilidade a situação dos habitantes do povoado e o conhecimento da marcha de Cevallos, junto à ausência de medidas de precaução tomadas em relação à Vila, estava a exasperá-los³. No final

¹ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. p. 23-25, 31 e 43.

² REICHEL, Heloisa Jochims. Fronteira no espaço platino. In: *História geral do Rio Grande do Sul – Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 1. p. 49.

³ MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. *Dominação espanhola no Rio Grande do Sul (1763-1777): primeira parte – a invasão espanhola – 1763 –*. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado Maior do Exército, 1935. p. 79.

da década de cinquenta, a localidade encontrava-se completamente aberta ao inimigo, pois o forte do Estreito – Santa Ana –, que fora construído para bloquear o avanço sobre a península, achava-se completamente soterrado, e o do Porto – Jesus, Maria, José –, em ruínas. Tal situação durava já quase um decênio, e nenhuma obra de fortificação foi feita para modificá-la. Pouco antes da invasão, em agosto de 1761, como solução de emergência, o governo do Rio de Janeiro determinou a construção de um reduto ou trincheira estacada no alto do hospital, que não foi construído tendo em vista as dificuldades impostas pelas areias. Dessa forma, a Vila era um local aberto e indefensável⁴.

Diante de tal quadro, o governo colonial luso no Rio de Janeiro determinou ao governador do Rio Grande, coronel Elói Madureira, que tomasse as medidas defensivas necessárias a impedir a invasão do território brasileiro por forças castelhanas. No mesmo sentido, mandava que o comandante da praça de Rio Pardo, coronel Tomás Luís Osório, se deslocasse para o sul e se estabelecesse em Angostura, desfiladeiro próximo a Castilho Grande, interceptando o caminho obrigatório para quem, de Montevideu, pretendesse atingir o Rio Grande pelo litoral⁵. Tal empreitada, entretanto, foi de difícil execução. O comandante Osório ao invés de optar por uma linha fortificada, mais rápida e imperceptível aos espanhóis, empreendeu a construção de uma fortaleza, muito mais lenta e facilmente identificável pelos inimigos⁶.

Além disso, o coronel Osório enfrentaria uma série de óbices na execução da fortificação que viria a receber o nome de Santa Teresa. Ele buscou reunir diversos destacamentos e guardas avançadas, completando um corpo de quatrocentos homens, mal armados, com que seguiu para o sul, levando oito peças de bronze e duas de amiudar. No local, as obras de fortificação seguiram demoradas, não só pela natureza do terreno e falta de estacas e faxina que só havia nos matos

⁴ QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A Vila do Rio Grande de São Pedro (1737-1822)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1987. p. 112.

⁵ FERREIRA FILHO, Arthur. *História geral do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1965. p. 42.

⁶ QUEIROZ. p. 112.

de São Miguel, a seis léguas de distância, como também pela deficiência de pessoal. Além disso, a pequena guarnição do forte estava rota de cansaço, com as guardas e rondas repetidas e pelo trabalho de quebrar pedra, carregar faxina e romper terra. Também faltavam armas e munições, diante do que o governador no Rio Grande alegava não ter balas, nem metralha, nem ferreiros para mandar, remetendo apenas algum armamento velho e imprestável. As solicitações de socorro da parte de Tomás Osório ou não eram atendidas, ou ficavam procrastinadas. O coronel reclamava ainda da inexperiência de muitos de seus comandados, da falta de contingentes e até mesmo do pequeno número e da inépcia dos pedreiros que trabalhavam nas obras, enfatizando a grande diferença que havia na edificação da parede de uma casa e da muralha de uma fortificação⁷.

Somava-se a tal contexto de dificuldades, a significativa superioridade numérica das forças de Cevallos que mobilizara aproximadamente quatro mil homens para o ataque à Colônia do Sacramento, dentre os quais, mais de um quarto era de indígenas e, completa essa conquista, destinaria três mil homens bem providos de artilharia para investir contra a posição lusitana no sul das terras brasileiras⁸. Revelava-se assim que as providências tomadas para a defesa da colônia portuguesa no Rio Grande do Sul eram menos do que precárias. Além das próprias dificuldades impostas pelo meio e pela pouca assistência das autoridades metropolitanas, ocorreu também uma série de desacertos entre os comandantes, havendo uma tendência geral em apontar vários erros tanto à atuação do governador Elói Madureira quanto à do coronel Osório.

Dentre os principais pontos destacados como falha dos dois comandantes estaria o fato do governo do Rio de Janeiro, ainda em janeiro de 1763, ter transmitido instruções precisas e claras, tanto ao

⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Os espanhóis no Rio Grande. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1896*. Rio Grande: Livraria Americana, 1895. p. 223-224 e 232.

⁸ FERREIRA FILHO. p. 42.

comandante de Santa Teresa como ao governador do Rio Grande. Ao primeiro foi ordenado que, se as forças castelhanas fossem muito superiores às suas, fizesse recolher a tempo a artilharia e as munições para o Rio Grande, retirando-se com toda a tropa até à mesma Vila e passando a defesa para o lado norte. Já ao segundo, foi determinado que, na dificuldade de defender a povoação, por ser um lugar aberto, deveria ordenar, o quanto antes, a passagem para o lado norte do canal, criando fortificação para disputar ao inimigo a posse do território⁹. Diante de tais ordens, ambos optariam por guardar segredo sobre as mesmas, sob o argumento de evitar que o pânico se espalhasse entre seus comandados¹⁰.

Dessa forma, prevaleceria uma conduta carregada de indecisões da parte de ambos os comandantes. A despeito da ordem de passar a resistência para o lado norte, Madureira permaneceu na Vila sem tomar as medidas urgentes e enérgicas que a situação exigia¹¹. Nesse sentido, só às vésperas da invasão, já em abril de 1763, o governador compreendeu a gravidade da situação e reuniu na casa do governo o provedor, o tesoureiro, o escrivão da câmara, que foi convocada, e os “homens bons” da localidade, para lhes dar conhecimento das ordens emanadas do Rio de Janeiro, aproveitando a ocasião para se justificar de não o ter feito antes, afim de não alarmar o povo e por confiar na resistência em Santa Teresa¹². Já o coronel Tomás Osório, irresoluto, dando ordens e contraordens, oscilava entre uma retirada, que poderia ser feita em melhores condições, ou a resistência¹³. Indeciso, ora o

⁹ BARRETO, Abeillard. A ocupação espanhola do Rio Grande de São Pedro. In: *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1976)*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 1979a. v. 2. p. 646.

¹⁰ CESAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul – período colonial*. Porto Alegre: Globo, 1970. p. 169.

¹¹ DOCCA, Emílio Fernandes de Souza. *História do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954. p. 188.

¹² MONTEIRO. 1935. p. 80.

¹³ DOCCA. p. 188.

comandante se dizia disposto a resistir, ora tomava medidas para a retirada, o que depois não autorizava, de maneira que tais idas e vindas, naturalmente, ao chegarem ao conhecimento da tropa, somente predispunham à indisciplina, degenerando numa debandada quase geral, cada um tratando de obter cavalos com que garantir uma chegada tempestiva à Vila do Rio Grande¹⁴. Assim, vacilante e sem firmeza nas deliberações, Osório perderia a voz de comando, vindo a grassar tal desalento e desconfiança nos soldados que acabariam por optar pelo caminho da deserção¹⁵.

As atitudes de Tomás Luís Osório, levando à fuga de grande parte das tropas, espavoridas, em direção ao Rio Grande, rendendo-se os que permaneceram em Santa Teresa, e de Elói Madureira, adiando para a última hora a evacuação para o lado norte, contribuiriam decisivamente para que o pânico lavrasse nas terras sulinas. De acordo com tal perspectiva, eles viriam a ser identificados como os principais causadores da derrocada, o primeiro pela entrega da porta de entrada para o Rio Grande do Sul e o segundo pela incapacidade em administrar a difícil circunstância pela qual passava a colônia lusa¹⁶. Dessa maneira, ambos decidiram agir segundo os próprios arbítrios, diante da situação caótica em que se encontrava o governo do “continente”, onde cada comando agira de forma independente, sem nem mesmo se subordinar ao seu superior¹⁷.

A partir da derrota em Santa Teresa, com a fuga ou a rendição das tropas, o avanço das forças de Cevallos continuou inexorável, com a

¹⁴ BARRETO, Abeillard. Tentativas espanholas de domínio no sul do Brasil, 1741-1774. In: *História naval brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha/Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979b. v. 2. t. 2. p. 166.

¹⁵ PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. *Anais da Província de São Pedro*. 2. ed. Paris: Tip. de Casimir, 1839. p. 104.

¹⁶ MONTEIRO, Jonatas da Costa Rego. A dominação espanhola no Rio Grande do Sul (1763-1777). In: *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1976)*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 1979. v. 4. p. 117-118.

¹⁷ QUEIROZ. p. 113.

marcha e fácil dominação sobre o forte de São Miguel, ficando plenamente escancaradas as portas em direção ao Rio Grande. Com as notícias da invasão, o caos começaria a tomar conta da Vila. Cada qual buscando fugir da maneira que lhe fosse possível. O governador foi o primeiro a colocar-se em fuga, não aguardando a execução das medidas que poderiam minorar a intensidade da derrocada, passando o canal a 21 de abril de 1763, abandonando a população à própria sorte¹⁸. Os fugitivos, em parte, embarcaram em duas sumacas, alguns apenas com a roupa do corpo, e saíram barra fora para o Rio de Janeiro, outros ficaram na margem do norte, havendo ainda os que fugiram para Santa Catarina, por terra, em cujo trajeto muitos morreram de fome, sede e cansaço e a maior parte acompanhou o governador e mais autoridades para Viamão¹⁹.

A retirada de 20 a 24 de abril foi desastrosa, uma vez que no porto havia apenas duas embarcações pequenas e algumas canoas, totalmente insuficientes para a transferência de armamentos, mercadorias e centenas de pessoas. A travessia era relativamente longa, e foi dificultada pela ação adversa dos ventos, de modo que a força das armas e a do dinheiro garantiria a prioridade para os interesses da coroa e das pessoas abastadas, ainda assim, toda a ação resultou num grande fracasso²⁰. Todos acorriam ao porto, mas muitos não podiam prosseguir, pois o governador tinha mandado por sentinela na praia a evitar embarques. Primava o governo pelos bens reais, procurando o tesoureiro salvar o que existia nos armazéns régios, fazendo passar pequenas peças com suas carretas, barris de pólvora e caixas de balas miúdas, livros e o pouco numerário que existia nos cofres, enquanto o povo açodadamente, tentando utilizar-se dos poucos barcos existentes, já com permissão, procurava na outra margem a segurança que a Vila não lhes podia oferecer²¹.

¹⁸ MONTEIRO. 1935. p. 82.

¹⁹ RODRIGUES. p. 227.

²⁰ QUEIROZ. p. 114.

²¹ MONTEIRO. 1935. p. 80-81.

Tal cenário de desespero se intensificaria com a chegada dos primeiros fugitivos de Santa Teresa, o que só fez intensificar o pânico na população e a travessia para o norte, que poderia ter sido com certa ordenação e sem maiores tropeços, passou a ser realizada de forma ainda mais desorganizada e sem método²². Até mesmo a cavallhada que se conseguia salvar em Santa Teresa, junto dos soldados que também queriam passar para o lado do norte intensificou a confusão reinante na Vila, pelo aumento de candidatos às poucas barcas empregadas na passagem do povo. As condições climáticas e topográficas ocasionaram a perda de mercadorias, armamentos e cavalos na passagem pelo canal. Nas águas, com os barcos pejados de gente e o que conseguiam carregar, os barqueiros procuravam passar o povo que açodadamente e aos gritos chamava por auxílio. A escassez de embarcações em condições e a desordem natural na utilização das existentes fez com que muitas ficassem inutilizadas, encalhando ou afundando²³.

Alguns comandantes ainda chegaram a tentar reunir militares que passavam, buscando impor alguma ordem dentre os retirantes, entretanto, o instinto de segurança primava sobre qualquer preceito de disciplina, a desorganização implantada era completa e o povo e soldados só queriam o mais depressa possível fugir para o interior e abrigarem-se do invasor, de modo que nada atendiam. Era a plenitude da confusão, correndo o povo para as praias a procurar embarcações que os levassem, e os gritos das mulheres, o choro das crianças e as imprecações dos homens mais aumentavam a desordem²⁴. Os saques foram generalizados, atacando-se tudo que estivesse pela frente, não respeitando-se a propriedade privada, a da coroa ou a da igreja. Fosse para aproveitar a oportunidade da ocasião, fosse para praticar uma política de terra arrasada, visando nada deixar ao inimigo, os roubos, as depredações e a violência de toda ordem tornaram-se generalizados na povoação. Na parte norte do canal, os acontecimentos não foram dife-

²² BARRETO. 1979b. p. 166.

²³ MONTEIRO. 1935. p. 82-83.

²⁴ MONTEIRO. 1935. p. 82.

rentes daqueles da Vila, repetindo-se os roubos e os atentados contra as pessoas e as propriedades²⁵.

Chefiado por José de Molina, o destacamento avançado enviado por Cevallos, chegaria ao Rio Grande a 24 de abril de 1763 e encontraria a Vila em abandono e destruição. Alguns poucos e pobres casais de ilhéus foram aprisionados enquanto, outras pessoas ficaram prisioneiras já embarcadas, por ter seu barco encalhado nos baixios próximos ao porto²⁶. A possibilidade de edificar-se uma resistência lusa no lado norte do canal não foi sequer cogitada. Desse modo, não se concentraram, na margem oposta, as forças transportadas, organizando ali a defesa, que poderia ser inexpugnável dada a ausência de uma esquadra que apoiasse as operações de terra espanholas²⁷. Abandonando a zona de um possível combate, o governador seguiu para Viamão, mantendo-se o êxodo desordenado, sem que a concentração das forças retirantes chegasse a resistir, quer sob as ordens diretas de Madureira, quer sob a orientação de outro qualquer oficial, a que houvesse delegado tal incumbência²⁸.

O misto de medo e ira no seio da multidão se voltaria contra tudo e contra todos, inclusive em relação ao próprio governador que chegou a ter a sua vida ameaçada. Assim, grande indignação acometeria a população, de modo que, civis e soldados, ao verem o governador abandoná-los, aos brados o insultavam, proclamando-o traidor e covarde. Um cabo de dragões chegou a alvejá-lo com uma pistola, gritando que era preciso matar os traidores e só a intervenção do provedor não permitiu que a ameaça fosse efetivada²⁹. Quando da chegada dos contingentes fugidos de Santa Teresa, muitos dos soldados diziam que haviam de matar o governador, apontado como a causa

²⁵ QUEIROZ. p. 115.

²⁶ MONTEIRO. 1979. p. 104.

²⁷ BARRETO, 1979b. p. 166.

²⁸ BARRETO, Abeillard. *O Rio Grande de São Pedro*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1985. p. 39.

²⁹ MONTEIRO, 1935. p. 82.

de todas as suas desgraças³⁰. Já transposto o canal, vários militares, tiveram de fazer escolta para garantir a vida de Elói Madureira que, na barranca norte, como no Rio Grande, tinha ainda sido ameaçada, tal o estado de desespero em que ficaram o povo e soldados pela incúria do chefe³¹.

Todo aquele caos e desespero era fruto do medo da guerra e do inimigo que se aproximava, mas refletia também os longos períodos em que os habitantes locais e os soldados ficavam relegados a um verdadeiro abandono de parte das autoridades metropolitanas. Nesse sentido, as circunstâncias de terror serviriam para dar vãs esperanças aquela série de insatisfações de natureza socioeconômica, de maneira que a fome e a miséria dos soldados e colonos do Rio Grande também teriam ditado seus atos. Dessa forma, os armazéns reais foram imediatamente saqueados, soldados armados obrigaram o almoxarife a abrir-lhes as portas, dizendo que queriam vestir-se por se acharem rotos e nus³². Além disso, o próprio governador se apercebera que tais condições de penúria só serviam para agravar o quadro de instabilidades, autorizando o tesoureiro a entregar trigo e fazendas dos armazéns reais a um oficial, para pagamento aos soldados por conta dos meses de soldo que lhes eram devidos, de modo a ver se os contentavam, promovendo a organização da defesa da passagem³³, numa medida desesperada, mas infrutífera em resultados.

O avanço hispânico não se restringiu ao Rio Grande, pois os espanhóis, atravessando o canal, em perseguição aos fugitivos, ocuparam a sua margem esquerda e, estabeleceram guardas em São José do Norte. Além disso, assenhorearam-se da barra rio-grandina, impedindo a passagem de quaisquer embarcações³⁴. O processo de pacificação na Europa já se estabelecera desde fevereiro de 1763, mas acabou por não impedir a marcha espanhola em direção às terras sulinas. A entrada

³⁰ RODRIGUES. p. 226-227.

³¹ MONTEIRO, 1935. p. 83.

³² QUEIROZ. p. 114.

³³ MONTEIRO, 1935. p. 82.

³⁴ CESAR. p. 171.

de Cevallos na Vila do Rio Grande, cercado de triunfal aparato, deu-se a 12 de maio de 1763, chegando a dar a impressão de constituir o primeiro ato de uma expedição que poderia chegar até o norte do Rio Grande do Sul³⁵. A ação do governador de Buenos Aires no contexto das possessões lusas seria até caracterizada como uma das últimas manifestações da chama do poder espanhol no sul da América Meridional³⁶ e somente a determinação metropolitana mais incisiva da suspensão das armas interromperia tal expansão.

Os acontecimentos no sul despertavam a preocupação das autoridades no centro da América Portuguesa. Dessa maneira, no Rio de Janeiro, os administradores metropolitanos recebiam a notícia da invasão hispânica e da rapidez de sua marcha, temendo que a onda avassaladora, que nos pampas do Rio Grande se expandia, chegasse a Santa Catarina. Diante desse temor, vieram as providências de reforço das tropas que existiam pelo sul e em Santa Catarina. Além das várias medidas no sentido de guarnecer tal território, os governantes passaram a dar alguma atenção aos soldos, atrasados que estavam os pagamentos por anos de abandono. Ainda assim, as verbas enviadas dariam apenas para pagar seis meses dos vinte e quatro devidos à tropa, sem contar os marinheiros e a peonada. Chegaria a ser de quatro a cinco anos o conjunto da dívida, e, com esse regime de calote, os dirigentes do Rio de Janeiro queriam ter tropas em condições e dedicação de gente que a falta nos pagamentos forçava a procurar ganhar a vida como o meio lhes permitia³⁷.

A partir de então se desencadearia o esforço lusitano na elaboração de um projeto e na efetivação de ações militares que viessem a promover a recuperação das terras sulinas. A permanência hispânica,

³⁵ PINHEIRO. p. 107.

³⁶ ARANA, Henrique. Expedicion de Don Pedro de Cevallos al Rio Grande y Rio de La Plata. In: *Anais do Segundo Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em comemoração ao segundo centenário da fundação da cidade do Rio Grande*. Porto Alegre: Globo, 1937. v. 1. p. 332.

³⁷ MONTEIRO, 1979. p. 105 e 112.

entretanto, perduraria por mais de uma década, de modo que a reconquista portuguesa do Rio Grande só se daria em 1776. As tratativas diplomáticas e os desentendimentos entre as duas nações ibéricas continuariam servindo como fatores motores dos enfrentamentos bélicos na porção extremo-meridional da América Portuguesa, vindo a advir ainda novos confrontos na região. A experiência de abril de 1763, com a fulminante passagem dos espanhóis por Santa Teresa e São Miguel, chegando até o Rio Grande marcaria de forma indelével a memória dos sul-rio-grandenses, uma vez que ficara materializado e tornara-se realidade aquele que era um dos maiores medos daquela coletividade.

Muitos dos episódios que traduziram aquele ambiente de terror foram narrados em uma “Devassa”³⁸, cuja meta primordial era a apuração de culpados pela invasão das terras sulinas, de preferência no que tange às autoridades governamentais e militares. De acordo com tal perspectiva, referia-se o Auto da devassa à ocasião na qual se apoderaram os inimigos da coroa dos fortes de Santa Teresa e São Miguel chegando até o Rio Grande e a passar o canal do norte. Visava, assim, examinar se nestas ou em outras oportunidades tanto o governador e o coronel responsável pela fronteira extremo-sul, como os mais oficiais e soldados que estavam debaixo de seu comando atuaram com disposição, valor, zelo e fidelidade que deveriam ter e guardar, de acordo com a obrigação de seus postos. Objetivava ainda observar o caso contrário, ou seja, se aqueles faltaram a tudo, dando causa ou motivo para que os inimigos entrassem naqueles lugares sem oposição e neles causassem as desordens que experimentaram aqueles povos de que eram públicas as queixas ou se eles mesmos as teriam cometido. Diante disso, seriam tomados testemunhos e feitas as devidas averiguações e exames que fossem necessários para desvelar os acontecimentos na localidade³⁹.

³⁸ DEVASSA sobre a entrega da Vila do Rio Grande às tropas castelhanas (1764). Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1937.

³⁹ DEVASSA. p. 3.

O teor de uma correspondência de autoridade responsável pela apuração dos fatos revelava a série de atentados ocorridos no Rio Grande em abril de 1763, em meio à confusão e pânico generalizados que tomavam conta da comuna. Segundo tal missiva, na ocasião não ocorreram apenas deserções, mas também a passagem de alguns militares e civis para o lado dos adversários, reconhecendo-se os luso-brasileiros como os responsáveis pelos distúrbios iniciais no Rio Grande. Dessa forma, apontava-se que alguns portugueses das tropas responsáveis pela guarnição de Santa Teresa e ainda alguns paisanos voltando-se contra a pátria não só haviam tomado partido com os inimigos, mas foram os primeiros a entrar na Vila, cometendo as maiores hostilidades entre os moradores de um e outro sexo, roubando a uns e maltratando a outros, com graves injúrias e crueldades. Era ainda feita referência ao fato de que, com furor, aqueles indivíduos chegaram a cometer horrendos desacatos nos templos dedicados a Deus, além de terem causado notáveis prejuízos à real fazenda tanto nas extrações e descaminhos dos gados das suas estâncias como na ocultação de vários efeitos que deveriam arrecadar-se por tal órgão fiscal. Explicitava-se também os “abomináveis delitos” de falta de obediência às ordens dos superiores em matéria tão séria, os quais, pelas suas graves circunstâncias, resultavam em não leves indícios de maquinação oculta e infidelidade da parte dos que os cometeram, como também o de sacrilégio e descaminhos da fazenda de Sua Majestade⁴⁰.

Os interrogatórios promovidos durante a “Devassa” se orientariam por uma chave de questionamentos composta de quinze perguntas dirigidas às testemunhas. A maior parte delas se referia às atuações do governador Elói Madureira, do coronel Tomás Luís Osório e dos comandados dos mesmos. Havia também referência a indevidas relações entabuladas com os adversários espanhóis. As averiguações direcionavam-se ainda a averiguar os acontecimentos desencadeados no Rio Grande a partir da chegada dos soldados evadidos de Santa Teresa, quando a confusão reinante intensificou-se e foram cometidos

⁴⁰ DEVASSA. p. 7.

os mais variados atentados. As maiores preocupações da investigação criminal davam-se em relação aos delitos cometidos contra a igreja, as posses da coroa e a propriedade privada.

Levando em conta tais quesitos, as testemunhas eram submetidas a questões específicas. Uma delas buscava descobrir se, depois da derrota em Santa Teresa e da chegada dessa notícia à Vila do Rio Grande, que já estava em confusão, os soldados que escaparam ou outra alguma pessoa cometeram roubos na povoação, especialmente no templo tirando dele as imagens, vasos sagrados, ornamentos ou outras algumas alaias dedicadas a Deus e aos seus santos e, no caso positivo, quem seriam as pessoas e que uso teriam feito de tais coisas. Perguntava-se também se aqueles mesmos indivíduos tiveram igual prática em relação aos efeitos pertencentes à Sua Majestade, entrando violentamente nos armazéns reais, arrombando suas portas ou tomando as chaves por força das mãos dos oficiais a cujo cargo estavam, não manifestando respeito, bem como se eles haviam se aproveitado de alguns gados ou cavalarias pertencentes à real fazenda sem ordem legítima de quem lhe podia dar e quantos teriam sido. Na mesma linha, questionava-se se os mesmos roubos foram cometidos nas fazendas e propriedades de algum dos moradores e homens de negócio da Vila e, além disso, se outras injúrias ou desacatos haviam sido cometidos, matando-os, ferindo-os ou espancando-os, forçando as mulheres e tirando-as a seus maridos, pais, mães, ou pessoas debaixo de cuja guarda ou tutela estivessem⁴¹.

Os testemunhos da “Devassa” revelavam o grave contexto no Rio Grande em abril de 1763, caracterizado por tumultos, agitação e violência generalizada. Comentava-se que a Vila ficara em tal confusão e desordem, que todos os moradores cuidavam somente em salvar-se, ficando desamparadas suas casas e fazendas. Nesse quadro, tanto soldados como paisanos e negros pegavam o que achavam pelas casas e quebravam o que dentro delas encontravam, causando outros muitos desconcertos com o pretexto de que os inimigos não viessem a

⁴¹ DEVASSA. p. 6.

se aproveitar de qualquer coisa que porventura lhes ficasse à disposição. Relatava-se ainda que muitos dos soldados vindos de Santa Teresa causaram também grandes desordens, por se embebedarem com muito vinho e aguardente que havia nos armazéns e tavernas, cujas pipas se achavam quebradas, além do que arrombavam portas, quebravam mesas, cadeiras e outros trastes semelhantes. Destacava-se também que eles se puseram sem obediência à pessoa alguma, dando tiros buscando acertar todos que passavam em embarcações e cobravam coisas inauditas. Apontava-se que esses mesmos soldados saquearam a Vila como se fossem inimigos, entrando na igreja, nos armazéns reais, nas casas e lojas dos moradores e tirando delas o que quisessem, quebrando e deixando a perder várias coisas⁴².

No que tange especificamente à igreja matriz de São Pedro, foi explicitado que diversos soldados embebedaram-se e entraram no templo, cometendo vários desacatos. Além disso, foram extremamente recorrentes os relatos acerca de furtos de objetos sacros. Dentre os utensílios religiosos roubados apareciam um cálice sagrado, o rosário de ouro das mãos e a coroa da imagem de Nossa Senhora, variados ornamentos, coroas e resplendores que estavam nas imagens dos santos, o pátio que fora partido em duas metades, o pano da tumba de veludo preto com galão e franja de ouro, uma vara de prata da confraria do Santíssimo ou de Nossa Senhora do Rosário. Um dos relatos dizia que da igreja se furtara tudo o que havia de valor, como os vasos sagrados e a âmbula dos santos óleos, fazendo-se deles usos profanos, caso desse recipiente, utilizado por um soldado para beber água⁴³.

No inquérito que averiguava os acontecimentos no Rio Grande, também no que diz respeito ao templo de São Pedro, destacava-se que fora encontrado em pedaços um frontal lançado na praia, do qual também se fizera usos profanos. Citava-se que alguns soldados a cavalo entraram na igreja de onde saíram com as opas da confraria do

⁴² DEVASSA. p. 15, 32, 97, 119-120 e 165.

⁴³ DEVASSA. p. 15, 18-19, 22, 32, 39-40, 44, 49, 53, 55, 59, 64, 68, 74, 76, 82, 86, 97, 101, 103, 125, 130, 134, 139, 146, 165 e 173.

santíssimo vestidas, sendo, inclusive detalhado que um desses militares andava montado com uma opa encarnada da confraria do Santíssimo, de lã fina ou seda com a vara de prata que costumava usar o provedor, saindo a correr em sua montaria pelas ruas. Testemunhava-se ainda que chegara a tanto a insolência com que se profanara a igreja que o santo lenho foi achado em poder de um negro, metido em um tacho de sebo e pendurado ao peito do mesmo⁴⁴.

Foi descrito também que o tesoureiro da confraria de Nossa Senhora do Rosário, vinculada à igreja matriz, teve roubado de sua casa um cofre, o qual continha algumas coisas pertencentes a tal entidade, como três mantos de Nossa Senhora, um côvado de seda de matizes e ouro que servia para fazer cortina à porta do sacrário, uma coroa de prata e a vara de prata de juiz, algumas fitas e galões, o livro das quitações das missas e outras miudezas e duas patenas douradas. Outros detalhes que foram narrados na “Devassa” referiam-se: a soldados que tiraram o manto de Nossa Senhora e o pálio da igreja e deles fizeram chinelos ou coletes para mulheres; a terem sido encontrados na caixa de um ilhéu três mantos de Nossa Senhora; a um soldado dragão que, bêbado, se pusera a atirar, fazendo por alvo a porta da igreja; e a soldados embriagados circulando pela Vila usando vestes sagradas pertencentes à igreja⁴⁵.

As propriedades da coroa portuguesa também estiveram na mira da sanha e da balbúrdia que tomavam conta da Vila. Os armazéns reais constituíram o principal alvo, tendo havido referências aos roubos generalizados que neles aconteceram. A entrada em tais depósitos foi forçada e realizada através do uso da violência, com armas e machados, e deles os invasores levaram tudo o que puderam, como tecidos, roupas, chapéus, farinhas, armas, entre outros. A tal respeito, foram apresentados vários testemunhos como um que descrevia a visão dos armazéns reais abertos e, nas ruas, caixas e pipas arrombadas, armas e outras coisas atiradas e, por tais saques, os soldados culpavam os pai-

⁴⁴ DEVASSA. p. 22-23, 32, 39-40 e 44.

⁴⁵ DEVASSA. p. 65, 74, 76, 82, 86, 134, 138 e 173.

sanos e estes diziam que foram os soldados. Foi também descrito um episódio pelo qual, arrombados os depósitos da coroa, neles entrava toda a casta de pessoa, tirando tudo o que neles se encontrava⁴⁶.

Nem mesmo as autoridades públicas foram poupadas daquela avalanche de insubordinação e insatisfação, mormente no que tange aos responsáveis pelo fisco e pela armazenagem dos próprios estatais, dos quais foi exigida a abertura dos armazéns reais e que fossem franqueados os seus conteúdos. Nesse sentido, foram vítimas dos tumultos e pressionados o provedor, almoxarife e tesoureiro da fazenda real e, segundo os testemunhos, tratados com violência, chegando a haver decompostura e xingamentos de ladrão e de outros nomes injuriosos. A exigência dos soldados era que lhes fossem dados os pertences dos depósitos reais, argumentando que era melhor que eles se aproveitassem de tais gêneros, do que deixá-los aos inimigos, ou ainda que precisavam vestir-se, por acharem-se rotos e nus e também argumentando que queriam se refazer do que careciam, por estarem destroçados da marcha e a coroa estar a dever-lhes. As ameaças eram veementes, caso de soldados que colocaram armas junto ao rosto de servidor, sob ameaça de morte, exigindo que lhes dessem roupas e outros utensílios. As cenas descritas chegavam a ser insólitas, caso de um funcionário que, havendo roubo e grande tumulto de gente, mormente casais das ilhas, tentou detê-los, vindo a ser atingido pelo conteúdo de um saco de cal que sobre ele foi sacudido, enchendo-lhe o rosto e a roupa de tal substância⁴⁷.

Outra propriedade real atingida pela onda de roubos foram os animais de transporte. Os testemunhos da “Devassa” registravam de modo constante o roubo principalmente de cavalos, mas também de muares. Tais delitos teriam sido praticados tanto por soldados como por paisanos, havendo ainda referência aos peões. Esses roubos foram executados principalmente para promover a travessia do canal em di-

⁴⁶ DEVASSA. p. 26, 32, 40, 44-45, 49-50, 65, 68, 77, 82, 83, 92, 101, 105, 107, 111, 115, 125, 128, 131, 139, 144, 155, 165, 167 e 173.

⁴⁷ DEVASSA. p. 19, 23, 32, 44-45, 55 74, 77, 87, 99, 101, 113, 153 e 173.

reção ao lado norte, e também para promover a venda de tais animais. Dessa maneira, descrevia-se que cada um pegava o que podia, sem consideração se os cavalos seriam reinóis ou de particulares, havendo também violência de parte dos ladrões que deixavam indivíduos e famílias inteiras a pé e, portanto, ainda mais ao alcance do inimigo. Muitos dos colonos em fuga tiveram que lançar suas últimas posses para comprar ou alugar alguns dos cavalos que haviam sido roubados pelos soldados⁴⁸.

Os atentados não se direcionaram apenas às posses da coroa, sendo também atacados os particulares que se viram seviciados e privados em suas propriedades e segurança individual. Era descrito na “Devassa” que os soldados que vieram de Santa Teresa roubaram tudo o que acharam dos habitantes, saqueando a Vila, antecipando-se à ação dos inimigos. Eles levavam o que estivesse ao seu alcance, usando da violência contra os moradores, mercadores e homens de negócios, recaindo os furtos sobre fazendas, tecidos, baetas, pipas de vinho e aguardente, açúcar, fumo, peças de ouro e prata, algum dinheiro e cavalos e bois os quais eram levados ou inutilizados. Tais delitos se estenderam também ao lado norte do canal para onde fugiam os colonos espavoridos. Além dos próprios soldados, esses crimes foram também imputados a paisanos, peões e negros que, com práticas violentas, não se continham, levando tudo o que pudessem, não importando o que ou de quem fosse. Chegou a haver a possibilidade de certos proprietários, por não poder carregá-las, terem dado algumas de suas posses aos soldados, mas sempre pairava a dúvida se era lícita ou não a origem das mesmas. Fazendas de procedência suspeita também foram encontradas à venda ou nas mãos de indivíduos sem condições para obtê-las em várias localidades sulinas⁴⁹.

⁴⁸ DEVASSA. p. 26, 40, 45, 53, 55-56, 59, 65, 74, 77, 83, 87, 99, 101, 105, 107-108, 113, 115, 122, 125, 131, 135, 139, 144, 156 e 165.

⁴⁹ DEVASSA. p. 19, 23, 26, 32, 40-41, 45, 50, 53, 56, 59, 65, 77-78, 83, 87, 93, 95, 100, 101, 105, 108, 111-112, 113, 116, 117, 125, 130, 132, 134, 135, 138, 139, 144, 146, 153, 154, 156, 159, 165, 167 e 173.

Os povoadores da Vila do Rio Grande que já enfrentavam os dis-sabores do abandono, dos erros administrativos que os colocaram naquela situação e da invasão inimiga que se avizinhava, deparavam-se também com a tropelia dos militares que deveriam ter servido para a sua defesa e transformaram-se em verdadeiros algozes. Além de terem sido atacados em suas propriedades privadas, os colonos viram sob ameaça suas integridades físicas e mesmo suas existências, tendo em vista a intensidade que a violência atingiu. De acordo com tal perspectiva, a “Devassa” descrevia que muitos soldados, sob os efeitos da embriaguez, faziam vários desatinos como darem tiros para atemorizar. Também era explicitado que, bêbados, aqueles militares, além de darem vários tiros pelas ruas, atropelavam muitas pessoas debaixo dos cavalos e outras feriam e maltratavam com suas catanas. Um outro episódio descrito, informava que os soldados armaram uma bulha em que poderia haver grande ruína por se acharem quase todos com armas de fogo já prontas a dispararem e outros com catanas, os quais tiveram de ser aparteados⁵⁰.

A segurança individual dos habitantes da Vila também foi afetada com a hedionda prática de estupros e sequestros de mulheres. Foram vários os testemunhos que traziam à tona a violência contra o segmento feminino da colônia. Num deles, destacava-se que um indivíduo trazia em sua companhia uma ilhoa com quem estava contratado para casar, mas foram interceptados por soldados, que amarraram o homem e depois de terem usado da mulher como quiseram, lhe tiraram algumas peças de ouro que levava. Em outro caso, um soldado entrara em uma casa onde se achava uma moça donzela a qual foi violentada e, como a mãe dela gritava por socorro, foi atingida pelo militar com uma catana, dando-lhe uma grande cutilada e tornando para dentro da casa⁵¹.

Ainda no que diz respeito à violência contra a mulher, houve a referência a certos soldados que haviam tirado algumas mulheres a

⁵⁰ DEVASSA. p. 93, 108 e 159.

⁵¹ DEVASSA. p. 41 e 50.

seus pais e mães e as levaram consigo para onde quisessem. Uma das testemunhas chegou a narrar o pedido de ajuda feito da parte de um ilhéu, o qual queria tirar sua mulher do poder de um soldado. Citava-se também que soldados haviam tirado as mulheres a dois ilhéus e o episódio de um peão que trazia em sua companhia uma moça com quem estava contratado para casar, junto da mãe desta, diante do que um soldado tirou-lhe a moça e depois de “usar mal” dela, furtou ao peão umas peças de ouro e uma pistola. Houve ainda o caso de um soldado que, ao encontrar uma moça, pretendeu violentá-la e intentou roubar-lhe uma pele de carneiro a que vulgarmente chamavam de pelego que ela trazia no cavalo⁵².

As explicações para esta carga de violência contra toda e qualquer instituição, pública ou privada, e mesmo contra as pessoas, advém essencialmente do sentimento de pânico e, atrelado a ele, de impunidade que se apoderou dos colonos e, mormente dos soldados. Tais condutas poderiam até mesmo ser consideradas como uma excrescência incomum, ainda mais quando comparadas a outro fenômeno histórico, a Revolta dos Dragões. Nesse sentido, em 1742, o muito recente povoado viu-se sacudido por uma sublevação de seus militares apoiados pelos colonos, os quais mantiveram, entretanto, um caráter até certo ponto ordeiro e moderado, buscando constantemente uma conciliação em relação às autoridades governamentais. Além disso, os rebeldes tentavam deixar evidente que não pretendiam imiscuir-se com as práticas de crimes comuns, tanto que chegavam a manifestar a vontade de que aqueles que desertassem, roubassem, ferissem, causassem distúrbios e faltassem às suas obrigações, deveriam ser logo punidos e castigados severamente, conforme a lei e a gravidade das suas culpas⁵³. Passados vinte anos, a Vila se viu entregue a uma crise sem precedentes, onde grassaram em larga escala deserções, roubos, agressões, promoção de badernas, vandalismos e violências de todos os gêneros, rompimento

⁵² DEVASSA. p. 87, 93, 150, 159, 167 e 168.

⁵³ ALVES, Francisco das Neves. *O mito do dragão gaúcho*. Rio Grande: FURG, 2004. p. 17.

com os deveres e funções sociais e profissionais, entre tantas outras práticas delituosas. Diante disso, a concretização de um medo muito presente no imaginário e nas vivências daqueles homens e mulheres pode ser um fator explicativo para tais condutas.

Medo, pânico, terror, ou mesmo um outro superlativo ainda mais intenso seria necessário para descrever a situação vigente na Vila do Rio Grande em abril de 1763. O receio sempre presente do inimigo espanhol, de possibilidade latente, se transformaria numa expressa realidade, mas a debandada geral das forças luso-brasileiras vindas de Santa Teresa atuaria como um fator catalisador do medo que se intensificaria inexoravelmente, uma vez que, não bastando os adversários, até mesmo os aliados passaram a ser mais uma fonte de temor. Os efeitos não poderiam ser outros com a explosão de um verdadeiro espírito de sedição contra todo o tipo de autoridade constituída, de uma súbita violência e de uma inquietude coletiva que permanecera silenciosa e até mesmo subterrânea⁵⁴.

O constante abandono das autoridades metropolitanas somado às contradições, incertezas e mesmo à fuga dos administradores locais levariam à sensação de um verdadeiro vazio de poder. Cresceria então o sentimento de insegurança, emanando dele as violências coletivas e a apreensão mal definida suscitada por uma vacância de poder. Desse modo, no vácuo deixado pela anulação da autoridade, viria a alojar-se toda espécie de temores que remetiam a uns tantos inimigos reais ou imaginários. Essa ausência governamental constituía um fenômeno ambíguo, já que deixava livre o caminho para forças que permaneciam comprimidas enquanto a autoridade era sólida, abrindo-se um período de permissividade. Tal fenômeno tende a criar uma vertigem e a atuar como uma ruptura com a continuidade e, logo, com a segurança. Além disso, esse vazio é portador de amanhã incertos, gerando uma ansiedade e um enervamento que podem facilmente conduzir às agitações violentas. À ausência ou negligência dos governantes, no Rio Grande

⁵⁴ DELUMEAU. p. 221.

de 1763, somavam-se o medo da fome, da guerra e da miséria⁵⁵, entre outros que se avizinhavam vertiginosamente.

A realidade daquele momento consistia quase que no somatório de todos os medos. Diante de tal quadro, as agruras, as necessidades, as vicissitudes e o abandono generalizado vinham à tona com plena força e o pânico daria vazão às insatisfações de toda natureza. Não era só a presença do inimigo, eram os próprios defensores dos núcleos urbanos e das pessoas que se voltavam contra elas. O convulsionado, confuso e violento ambiente daquela ocasião abriu espaço para os comportamentos tresloucados, as atitudes desabridas e as condutas criminosas. Nada foi poupado, nem mesmo as mais sagradas instituições, tão respeitadas até então. A igreja, a fé, a divindade, os santos, as propriedades reais e particulares, as autoridades públicas, o governo, as vidas, a moral pública, os bons costumes, o casamento, tudo sucumbiu diante da pressão e da sanha do terror. Se a convivência lado a lado com o inimigo fazia parte do cotidiano da população sul-rio-grandense desde a sua origem, originando um temor coletivo sempre presente, a invasão de 1763 daria vida a tal fantasma que continuaria a assombrar os moradores sulinos por décadas a fio até a incorporação definitiva daquela porção extremo-meridional da América Portuguesa⁵⁶. Tais relatos descritos na *Devassa*, especificamente no que tange à Igreja Matriz, à propriedade real e à privada e à segurança individual estão transcritos a seguir.

⁵⁵ DELUMEAU. p. 239, 242, 250, 261 e 270.

⁵⁶ Texto elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Guerra e medo na porção extremo-meridional da América Portuguesa: a invasão espanhola (1763). In: POSSAMAI, Paulo (org.). *Conquistar e defender: Portugal, Países Baixos e Brasil. Estudos de História Militar na Idade Moderna*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 397-412.

UMA DEVASSA: HOMENS, MULHERES, AUTORIDADES E RELIGIÃO: O PÂNICO NÃO POUPOU NINGUÉM

O quadro de pânico generalizado, plena desobediência institucional e perda de uma colônia já estabelecida por mais de cinco lustros, levou à realização de um severo inquérito para verificar possíveis culpados. A partir de tais interrogatórios, foi estabelecida a “Devassa sobre a entrega da vila do Rio Grande às tropas castelhanas”¹, fonte histórica que merece especial relevo², por constituir um dos mais inestimáveis e informativos documentos acerca da invasão espanhola de 1763. Na tentativa de apurar responsabilidades pelos atos desencadeados no território sulino, as autoridades metropolitanas promoveriam uma profunda investigação, ouvindo significativa quantidade de testemunhas. Apesar de certas contradições, idiosincrasias e incertezas patentes e/ou latentes nos depoimentos, dos relatos presentes na “Devassa” se originaria

¹ DEVASSA sobre a entrega da Vila do Rio Grande às tropas castelhanas (1764). Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1937.

² BARRETO, Abeillard. Fontes para o estudo da história da ocupação espanhola do Rio Grande do Sul (1763-1777). In: *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1976)*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 1979c. v. 2. p. 632.

uma narrativa rica em detalhes sobre o aflitivo cotidiano daquele abril de 1763.

A seguir aparece grande parte dos documentos que compõe a “Devassa”. O “Auto de devassa que mandou fazer o desembargador Agostinho Félix Santos Copello na forma adiante juntas” serve como uma introdução explicativa ao conjunto documental, elaborado pelo escrivão do processo. Os “Interrogatórios” trazem a série de quinze questões a que eram inquiridos os depoentes, incluindo as de número X, XI e XII (marcadas em negrito), referentes especificamente aos temas tratados neste livro e cujo conteúdo das respostas foram transcritos, demarcando os depoimentos acerca dos acontecimentos em relação à igreja, às propriedades governamentais e individuais e à segurança individual de homens e mulheres que compunham a colônia. A “Correspondência” apresenta uma versão resumida dos episódios ocorridos no Rio Grande.

Finalmente é transcrito o conjunto de cinquenta e oito “Testemunhos” que respondem aos quinze pontos do questionamento dos “Interrogatórios”, especificamente no que tange aos quesitos X (os atentados à igreja), XI (os atentados contra a propriedade pública e individual) e XII (os atentados contra os habitantes da colônia). Tais depoimentos foram na sua grande maioria prestados sob o argumento de que não houve o contato direto com os fatos, prevalecendo a versão “por ouvir dizer”, “por ser do conhecimento de todos”, ou “por ser público”, bem como, em linhas gerais, há pouca identificação plena de possíveis implicados. Significativo é o fato de que a maior parte dos suspeitos identificados eram soldados ou cabos, ilhéus, negros, índios e pardos, ou, como resumiu um dos depoentes, “gente de toda a casta”, não havendo referência, nestes três casos específicos, a atos condenáveis da oficialidade ou dos “homens de negócio” da Vila. As informações apresentadas são fragmentárias, por vezes repetitivas e, em outras, contraditórias, mas, intercomplementares, permitem que seja estabelecido um mosaico, o qual dá um horizonte acerca dos acontecimentos que antecederam a chegada dos espanhóis. A “Devassa” traz ainda outros

documentos, mas os transcritos na continuidade já servem para dar uma ampla perspectiva da circunstância vivenciada pelo povoado, em um ambiente pelo qual um medo coletivo latente viria a transformar-se em verdadeira onda de terror.

Auto de devassa que mandou fazer o desembargador Agostinho Félix Santos Copello na forma adiante juntas

Ano do nascimento do Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e sessenta e quatro anos, aos quatorze dias do mês de fevereiro, nesta Povoação de Rio Pardo, em casas de aposentadoria do Doutor Agostinho Félix Santos Copello, professo na Ordem de Cristo, do Desembargo de Sua Majestade e seu desembargador dos agravos na Relação do Rio de Janeiro, pelo dito ministro me foi mandado fazer este auto de devassa como escrivão para ela nomeado, para por ela perguntar às testemunhas e pelos interrogatórios que ao mesmo se seguem extraídos da ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. Conde de Cunha e vice-rei e capitão general de mar e terra deste Estado do Brasil, adiante junta pela qual foi ordenado a ele, dito desembargador, passasse à Ilha de Santa Catarina e mais partes do continente do governo do Rio Grande que lhe parecesse conveniente para neles averiguar a forma com que procederam o governador da dita Capitania do Rio Grande e o coronel de Dragões daquele partido Tomás Luiz Osório, encarregado de defesa da trincheira de Angostura de Castilho, na ocasião que da dita trincheira e Vila do Rio Grande se apoderaram os inimigos desta Coroa, chegando ainda a passar para a banda do Norte do dito rio, examinando se nestas ou outras ocasiões tanto o dito governador e coronel como os mais oficiais e soldados que estavam debaixo de seu comando se houveram com a disposição, valor, zelo e fidelidade que deviam ter e guardar conforme o pedia a obrigação de seus postos

ou se, faltando a tudo, deram causa ou motivo para que os mesmos inimigos entrassem naqueles lugares sem oposição e neles causassem as desordens que experimentaram aqueles povos de que são públicas as queixas ou os referidos oficiais e soldados as cometeram para o que mandou se notificassem testemunhas e fizessem as mais averiguações e exames que fossem necessários para descobrimento da verdade na forma da ordem já referida, com a qual vão também juntas as cópias das cartas que se haviam mandado ao dito governador e coronel pelos governadores que foram desta cidade e a de uma representação do tesoureiro da Real Fazenda que assistia no Rio Pardo para instrução e se inquerir a razão ou causa porque os sobreditos governador e coronel as não executaram e de tudo fiz este Auto em que assinou o dito desembargador, depois de eu escrivão haver recebido o juramento de que adiante se fará termo. *Estevão da Silva Monteiro*. Escrivão nomeado para a dita devassa e suas dependências que o escrevi – *Copello*.

Interrogatórios

I – Se o governador que foi do Rio Grande, Inácio Elói de Madureira, teve a conduta que devia ter na defesa daquela Vila, fazendo as disposições necessárias para rebater os inimigos, no caso que fosse atacado por eles.

II – Se observou as ordens e instruções juntas por cópia que lhe foram mandadas pelo Governo Geral do Rio de Janeiro, em que se lhe ordenava o que devia obrar no caso de acometimento dos mesmos inimigos e que razão teve para deixar de as executar e se teve tempo para o fazer.

III – Se depois da retirada que fez do Rio Grande, passando-se para a parte do Norte, se postou nela para defender aos inimigos a passagem do mesmo rio, para onde se retirou, que gente levava e que

razão teve para não defender aquela passagem e se lhe era fácil o defendê-la.

IV – Se fez retirar todas as embarcações que havia no rio e os víveres, munições e armamentos de que estava provida a Praça, para que de uma e outra coisa se não aproveitassem os inimigos, tendo mais pronta passagem e melhor subsistência.

V – Se o coronel de Dragões daquele partido executou também as ordens que lhe foram dirigidas pelo mesmo Governo Geral e que causa teve para o contrário.

VI – Se tendo por melhor esperar os inimigos no sítio de Castilhos, onde se havia fortificado, fez a defesa que devia para os não deixar passar ou que causa teve para se lhe entregar sem nenhuma resistência, com a maior parte dos oficiais e gente que consigo tinha, quanta era a dita gente e se toda se passou aos inimigos ou qual foi o número desta e da que ficou e a que parte se recolheu e em que consistiam as forças dos inimigos.

VII – Se os oficias e soldados foram culpados nesta desordem, por repugnarem pelejar ou desobedecerem ao dito coronel no que lhe ordenava a este respeito, de sorte que, por esta causa ou por falta que tivesse de víveres e munições, fosse obrigado a entregar-se. Quem foram os ditos oficias e soldados e as ocasiões em que o fizeram ou em que consistiram as ditas faltas.

VIII – Se o dito coronel obedecia às ordens do governador e nas matérias de serviço com ele conservava boa inteligência e lhe dava os avisos necessários dos movimentos dos inimigos e das disposições que ele determinava fazer a tempo que o dito governador pudesse tomar as medidas que julgasse mais próprias da ocasião, ou se, por falta dos mesmos avisos, sucedeu fazer a sua retirada tão precipitadamente.

IX – Se os socorros que se mandaram de algumas partes deste continente do Rio Grande deixaram de chegar a tempo que pudessem rebater a invasão dos inimigos por culpa ou falta de diligência dos oficiais que os comandavam e se, podendo ao menos defenderem a barreira da parte do Norte, o não fizeram ou se alguns deles repug-

naram obedecer as ordens que tiveram para acudir a mesma barreira por que e para onde se retiraram e se com a sua retirada causaram algumas desordens.

X – Se depois da derrota de Castilhos e estar com esta notícia a Vila do Rio Grande em confusão, os soldados que daquela escaparam ou outra alguma pessoa cometeram roubos na dita Vila, especialmente nos templos, tirando deles as imagens, vasos sagrados, ornamentos ou outras algumas alfaias dedicadas a Deus e aos seus santos, quem foram as ditas pessoas e que uso fizeram das ditas coisas.

XI – Se praticaram o mesmo nos efeitos pertencentes a Sua Majestade, entrando nos armazéns reais violentamente, arrombando-lhes as portas ou tomando as chaves por força das mãos dos oficiais, a cujo cargo estavam perdendo-lhe o respeito e se também se aproveitaram de alguns gados ou cavalarias pertencentes à Real Fazenda sem ordem legítima de quem lhe podia dar e quantos foram.

XII – Se os mesmos roubos cometeram finalmente nas fazendas e efeitos de algum dos moradores e homens de negócio da dita Vila e, além disso, lhe fizeram outras algumas injúrias ou desacatos, matando-os, ferindo-os ou espancando-os, forçando as mulheres e tirando-as a seus maridos, pais, mães, ou pessoas debaixo de cuja guarda ou tutela estivessem.

XIII – Se nas entradas que se fizeram nas terras dos inimigos, os oficiais comandantes delas obraram o que deviam ou se deixaram de hostilizar e aprisionar alguns deles por interesse ou outras coisas.

XIV – Se das presas que se fizeram nas ditas entradas se arrecadou fielmente o que pertencia à Real Fazenda ou se, por esta ou por outra alguma forma qualquer que ela fosse, houve descaminho na mesma Real Fazenda, em que consistiram as ditas presas e quantas foram as ocasiões em que se fizeram.

XV – Se alguma pessoa, de qualquer qualidade, estado ou condição que fosse, teve trato com o inimigo, direta ou indiretamente, por

palavra ou por escrito, dando-lhe aviso das forças deste continente ou Estado e das disposições que se faziam para os rebater ou atacar ou por outra alguma forma tinha com eles ilícita correspondência e era suspeito de traição.

Correspondência

Sendo-me presente por informações verídicas que me foram participadas que na entrada que fizeram os inimigos desta Coroa na Povoação do Rio Grande e lugares circunvizinhos se cometeram várias desordens tanto de parte do governador como das tropas, chegando o coronel de Dragões comandante das mesmas, Tomás Luiz Osório, a deixar-se surpreender no passo junto a Castilhos, onde se achava postado com o seu regimento e mais gente que se lhe agregara, que fazia o número de novecentos homens, sem a mais leve resistência, excedendo assim as ordens que por esse governo se haviam expedido ao dito governador, que lhe foram participadas, e dentro dessa vão por cópia, por cujos motivos os mesmos inimigos não só se fizeram senhores das referidas terras, mas causaram aos moradores delas as ruínas que as mesmas ordens pretenderam evitar nas cautelas com que as preveniam e constando-me juntamente que alguns portugueses das sobreditas tropas e ainda paisanos voltando-se contra a pátria não só tomaram partidos com os mesmos inimigos, mas foram os primeiros que entraram na dita Vila do Rio Grande, cometendo as maiores hostilidades nos moradores de um e outro sexo, roubando a uns e maltratando a outros, com graves injúrias e crueldades; e que até o seu furor chegara a cometer horrendo desacatos nos templos dedicados a Deus e sendo finalmente informado dos notáveis prejuízos que se tem causado à Real Fazenda, tanto nas extrações e descaminhos dos gados das suas estâncias com na ocultação de vários efeitos que deviam arrecadar-se pela mesma Real Fazenda, em algumas entradas que se

fizeram nas terras dos inimigos no que tudo se envolvem os abomináveis delitos de falta de obediência às ordens dos superiores em matéria tão grave de que, pelas suas graves circunstâncias, resultam não leves indícios de maquinação oculta e infidelidade da parte dos que os cometeram, como também o de sacrilégio e descaminhos da Fazenda de Sua Majestade, e sendo conveniente ao serviço do mesmo Senhor, que deles se tome conhecimento com a mais exata informação para que não fiquem sem castigo, que sirva de exemplo à república que nelas tem recebido o maior escândalo e satisfação às partes ofendidas nesta calamidade, resolvi, com assistência e parecer dos Ministros da Mesa do Desembargo do Paço, cometer à vossa mercê esta diligência para execução da qual passará vossa mercê logo à Ilha de Santa Catarina e, nela e nas mais partes circunvizinhas a que entender ser necessário chegar, procederá a uma ou mais devassas, formando os autos e interrogatórios que julgar precisos para maior clareza e averiguação dos fatos referidos, procedendo a prisão contra os culpados (ainda antes da culpa formada, segundo a exigência do caso o pedir, regulando-se porém pelas regras que as leis de direito prescrevem nesta matéria) e lhe fará sequestro em quaisquer bens que lhe forem achados, dando-me de tudo conta para ultimamente lhe determinar o mais que houver por bem do serviço de Sua Majestade. (...) Rio de Janeiro, a 22 de novembro de 1763 – *Conde Vice-Rei* – Senhor Desembargador Agostinho Félix Santos Capello.

Testemunhos

Tt^a. 1^a.

Francisco Barreto Pereira Pinto, tenente coronel do Regimento de Dragões do Rio Grande e governador de todo este continente, morador nesta Fortaleza do Rio Pardo, 55 para 56 anos.

X – disse que sabe por ser público que depois que o governador passou para a banda do Norte, ficou em tal confusão e desordem

a Vila, que todas as pessoas moradoras dela somente cuidavam em salvar-se, desamparando as suas casas e fazenda e nesta confusão tanto soldados como paisanos e negros pegavam no que achavam pelas casas e quebravam o que dentro delas achavam e causaram outros muitos desconcertos, com o pretexto de se não aproveitarem os inimigos e muitas coisas chegavam a dar os próprios donos delas, tanto assim que, chegando a este posto dois soldados, com uma carga de fazendas, ele testemunha supôs serem furtadas, mandando-os prender e inventariar as ditas fazendas pelo Comissário de Mostras, requerendo-lhe os ditos soldados que aquelas fazendas lhes haviam dado e que assim o queriam mostrar em Viamão onde tinham suas testemunhas, lhe dera liberdade debaixo de fiança para fazerem a dita justificação que com efeito fizeram e em virtude dela lhe apresentaram ordem do governador para lhe entregar a dita fazenda. E que só ouvira dizer a respeito dos furtos da igreja que da banda do Norte ou em Viamão apareceram um cálice ou vaso sagrado, porém não pode afirmar coisa certa nesta matéria mais não disse deste.

XI – nada disse.

XII – nada disse.

Tt^a. 2^a.

Doutor Manoel da Costa de Moraes Barbarrica, Provedor da Fazenda Real do continente do Rio Grande e ora assistente nesta Povoação do Rio Pardo, 66 anos, pouco mais ou menos.

X – disse que sabe por ser público e notório que da igreja da Vila do Rio Grande se furtara tudo o que havia de valor ao tempo da entrada dos inimigos e ainda os vasos sagrados e a âmbula dos santos óleos de que ouvira dizer que se fizeram deles usos profanos, mas que não sabe quem fizera os ditos roubos e desacatos e que só ouvira dizer a um Manoel da Costa de Carvalho, que se passou para a Ilha de Santa Catarina, aonde lhe consta que atualmente assiste que o padre Frei Valério do Sacramento, comissário que era dos Terceiros de São

Francisco na dita Vila do Rio Grande, repartira alguns dos ornamentos ou quartinados da dita igreja, em cortes de chinelas e sapatos de mulheres a quem os dera e mais não disse deste.

XI – disse que na entrada dos inimigos, depois de tudo estar posto em desordem e sem obediência, foram alguns soldados, a que não sabe os nomes, nem conhece, tumultuosamente à presença dele, testemunha, requerer que lhe mandasse dar camisas, pano de linho e o mais que se achava nos armazéns, por ser melhor que eles se aproveitassem destes gêneros que os inimigos e que respondendo-lhes, ele testemunha, que não podia mandar dar o que pediam, fossem ter com o tesoureiro, a quem aquelas coisas estavam entregues, protestando aos ditos soldados que de nenhuma forma bulissem nas portas dos referidos armazéns e com efeito até o tempo que ele, testemunha, esteve na dita Vila, neles não entrou pessoa alguma mais que o dito tesoureiro, que tinha entradas por dentro e deles podia tirar o que quisesse, como se persuade tirou excepcionalmente algumas linhagens de que fez uma grande barraca no seu sítio que tem da banda do Norte, na qual acomodava cinco famílias, que levava em sua companhia, deixando a ele, testemunha, dormir debaixo de um carro a todo o rigor do tempo e assim mais tirou algumas catanas de granadeiros, freios e outros arreios que distribuiu e com que armou os seus capatazes e gente que com ele vinha e depois dele, testemunha, se passar para a banda do Norte, em seguimento do governador, é que teve notícias que alguns soldados a que também não sabe os nomes, meteram machados às portas dos ditos armazéns e acabaram de tirar o que neles ainda havia e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também por ser público que na referida ocasião, os soldados que vieram de Castilhos, antecipadamente à entrada dos inimigos na dita Vila, roubaram tudo o que acharam dos moradores, saqueando a mesma Vila, como poderiam fazer os mesmos inimigos, passando tudo da outra banda com os cavalos de El Rei e de particulares que puderam apanhar, que passavam de muito mais

de mil, porém, também não sabe os nomes a nenhum dos ditos soldados e mais não disse deste.

Tt^a. 3^a.

Manoel Pereira Roriz, tenente de Dragões da companhia do Maior do Regimento do Rio Grande, 62 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe por ouvir dizer, sem se lembrar de pessoa certa, que depois que chegaram os soldados que fugiram de Castilhos, e se por a Vila em confusão em que se viu, se cometeram vários desacatos na igreja da mesma Vila, roubando-se a âmbula do sacrário e o rosário de ouro das mãos de Nossa Senhora, porém, que não sabe quem cometera os ditos desacatos, antes ouvira dizer ao Vigário de Viamão, o padre José Carlos da Silva, que era falso haver-se roubado a dita âmbula, sendo público que ele fora o que primeiro publicara o contrário, como ele, testemunha, lhe ouviu na estação da missa e outrossim disse que também ele, testemunha, vira já da parte do Norte um frontal ou vestimenta lançada na praia, já principiada a desmanchar-se e se disse que dali se tinha já tirado alguma seda de que se haviam feito obras para usos profanos, o que também publicou na mesma estação o referido padre José Carlos e declarou mais que tendo mandado do Rio de Janeiro, José Fernandes Pinto Alpoim, uma imagem do Senhor dos Passos para a dita Vila e estando ainda em um caixão, o passara para a parte do Norte, quem quer que fosse e foi público que do mesmo caixão tiraram a cabeça veneranda da mesma imagem e segundo lembrança dele, testemunha, também a túnica, um filho e a mulher do capataz chamado Antônio Gomes que o levava consigo para Laguna e depois se disse que o mesmo Antônio Gomes ou a sua gente a entregara a um padre para as partes de Araçatuba e achando ele, testemunha, a coroa de espinhos e corda da mesma imagem lançadas na praia, as levantara e guardara com a maior decência que pode do que tendo notícia o padre Francisco de Lima Pinto lhe dissera que lhe havia de mandar também os braços e

pés da mesma imagem que em seu poder tinha, para também guardar como com efeito, mandou ele, testemunha, os recebeu e tem em seu poder de que tudo logo dera parte ao Vigário da Vara o dito padre José Carlos da Silva, e mais não disse deste.

XI – disse que sabe também pelo ouvir dizer que o tesoureiro da Fazenda Real se queixara de que alguns soldados lhe foram pedir fardamento do que se achava nos armazéns de El Rei, com o pretexto de se quererem eles aproveitar, antes que os inimigos, e que por lhes não querer dar lhe quiseram tirar as chaves dos ditos armazéns ou com efeito lhes chegaram a tirar, no que ele, testemunha, não está bem certo e que também sabe, por ser público, que a gente que viera fugitiva de Castilhos trouxera grande parte da cavallhada de El Rei que ali se achava a qual, querendo passar para a banda do Norte, o não puderam conseguir de todo, por estar o vento contrário, mas sempre passaram bastante cavalos de que ele, testemunha, não sabe o que deles fizeram nem individualmente as pessoas que cometeram as coisas que acima tem referido e mais não disse deste.

XII – disse que sabe, por ser público, que, na mesma ocasião, se fizeram vários roubos aos homens de negócio da dita Vila, levando-lhes fazendas de preço que tinham nas suas lojas, especialmente a um Manoel Carvalho e *fulano* Portela, que dizem se acham hoje no Rio de Janeiro, a um *fulano* Serão que não sabe para onde se passou e a outros, e que, com a mesma publicidade, se dizia que muitos destes furtos, especialmente o de Manoel Carvalho, cometera o cabo de esquadra de Dragões Claudio, que viera da Colônia e lhe não lembra o sobrenome, com alguns soldados que não sabe quantos nem como se chamavam e mais não disse deste.

Tt^a. 4^a.

Tenente Nogueira Beja da companhia do capitão Pedro Pereira Chaves do Regimento de Dragões do Rio Grande, 55 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe, pelo ouvir dizer vulgarmente, que alguns soldados entraram violentamente nos armazéns reais que havia no Rio Grande, porém não sabe quantos nem quem eles fossem, nem o que deles tiraram e, pelo que respeita ao gado e cavalhadas pertencentes à Sua Majestade, ouviu dizer que o que se achava da banda da Vila se pretendia passar para a outra banda e que, com efeito, ainda passaram alguns em pequeno número e que o grosso estando já no rio para passar e, por ventar um nordeste rijo, o não puderam fazer e, sobrevivendo neste tempo os inimigos, impediram a dita passagem e se fizeram senhores dele e pelo que tocava ao gado e cavalaria que se achava na parte do Norte, a gente que fugia pegou cada um no que pode, sem consideração a ser de El Rei ou de particulares para deles se valer na sua retirada, ainda tirando-os uns aos outros que já haviam pegado antes e mais não disse deste.

XII – disse que também ouvira dizer aos mesmos soldados que vieram de Castilhos que os mercadores da dita Vila do Rio Grande haviam desemparado as suas lojas, deixando nelas os restos que não puderam conduzir, especialmente pipas de vinho e aguardente, que os negros arrombavam e também bastante açúcar e fumo e que também lhe disseram que um mercador chamado Luiz Antônio e outro tanto na dita Vila, como ainda da banda do Norte, repartira algum pano de linho e de cor e outras fazendas, que não podia conduzir por alguns dos ditos soldados, dizendo que se os castelhanos a haviam de levar, antes queriam que eles se aproveitassem dela e que não se lembra, declaradamente, os nomes dos ditos soldados a quem isto ouviu e mais não disse deste.

Tt^a. 5^a.

João Barbosa da Silva, alferes de Dragões da companhia do tenente coronel Assistente de Guarnição na Tronqueira de Jacuí, 58 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe também pelo ver que alguns dos ditos soldados que escaparam da Fortaleza de Castilhos, achando já a Vila em confusão, causaram na mesma grandes desordens por se embebedarem com muito vinho e aguardente que havia nos armazéns e tavernas da mesma Vila, de que muitas pipas se achavam quebradas e que alguns dos ditos soldados, que ele, testemunha, não conhece, sem dúvida, entraram na igreja donde os viu sair já a cavalo, com as opas da Confraria do Santíssimo vestidas e também ouviu dizer vulgarmente que do sacrário se havia tirado uma âmbula e um cálice e mais não disse deste.

XI – disse que também é público que os mesmos soldados arrombaram os armazéns reais e fizeram algumas violências ao tesoureiro deles, porém, ele testemunha não sabe o que tiraram dos ditos armazéns, nem quem foram os referidos soldados e mais não disse deste.

XII – disse que também sabe pelo ouvir dizer, com a mesma publicidade, que os mesmos soldados roubaram das casas de alguns dos moradores várias fazendas, peças de ouro e prata e ainda algum dinheiro, porém também não sabe individualmente quais foram os que fizeram os ditos roubos e mais não disse deste.

Tt^a. 6^a.

Domingos de Moraes Navarro, capataz das cavalcadas de Sua Majestade, morador neste Rio Pardo, 38 anos pouco mais ou menos.

X – disse que na confusão em que se achava o Rio Grande quando ele, testemunha, chegou e no tempo que ali esteve, é certo se cometeram várias desordens, porém, ele, testemunha, pelo que respeita a furto de templos, não viu outra coisa mais que o soldado por nome Rodrigo a que não sabe o sobrenome, andava montado a cavalo com uma opa encarnada da Confraria do Santíssimo, de lã fina ou seda com a vara de prata que costuma usar o Provedor da mesma Confraria, correndo a cavalo pelas ruas, porém, não sabe onde houve estas coisas, nem o que depois lhe fez; e posto que também ouviu dizer que se haviam furtado

alguns ornamentos e âmbula do sacrário e que esta a trazia consigo outro soldado Dragão, chamado José Botelho, contudo esta notícia a tem ele testemunha, por falsa porquanto falando a pouco tempo com o vigário que foi da mesma Vila do Rio Grande sobre esta matéria, lhe dissera que ele havia trazido consigo a mesma âmbula e ornamentos ricos da igreja, os quais lhe mostraria se ele, testemunha, os quisesse ver. E que também ouvira dizer que um casal a que não sabe o nome trouxera para esta parte do Norte o rosário de ouro que se achava nas mãos de Nossa Senhora, porém que este o fora entregar ao padre José Calos, Vigário de Viamão, dizendo-lhe o trouxera para não ficar em poder dos castelhanos, porém não se lembra a que pessoas ouviu falar nesta matéria e mais não disse deste.

XI – disse que sabe também por ser público e notório que na referida ocasião entraram nos armazéns reais alguns soldados e deles tiraram o que lhes pareceu e que o tesoureiro da Fazenda Real se lhe queixara de que os cabeças foram um cabo de esquadra e um soldado de Dragões, o primeiro chamado Francisco Soares, que se acha na Barranca e o segundo de alcunha o Casquinha, que lhe consta que da mesma desertou há pouco tempo e foram os cabeças que o empurraram da porta e arrombaram, entrando os primeiros e, atrás destes, outros a que não sabe o nome e só também lhe ouviu dizer que outro soldado aventureiro, índio de nação bororo, que ele, testemunha, entende ser um chamado Apolinário, porque lhe não consta haja outro, metera a espingarda à cara, dizendo que lhe pusesse na boca daquela arma tantas camisas, meias, chapéus e outras coisas de que se não lembra, se não o matava e que ele não tivera outro remédio mais que dar-lhe o que ele lhe pedia, e que este dito soldado se acha também na Barranca e pelo que toca aos cavalos e bestas muares pertencentes a Sua Majestade, já depôs que tanto dos que ele, testemunha, pode passar para a banda do Norte, como dos que havia nas estâncias de São Simão e Mostardas, tanto paisanos como soldados, se aproveitaram deles cada um segundo mais podia e mais não disse deste.

XII – disse que de roubos de particulares só ouviu dizer publicamente que a um *fulano* Portela, que se diz ser hoje assistente no Rio de Janeiro, se fizera um furto considerável, porém, ele testemunha não sabe que pessoas, ainda que ouviu dizer, que o mesmo Portela sabia quem elas eram, e, em outra ocasião, passando ele testemunha pela porta de um armazém que, segundo sua lembrança era de um Antônio José de Moura, ou Manoel Jorge, viu estar dois soldados, um por nome Félix a que não sabe o sobrenome, e outro que também ignora como se chama, porém, é irmão de uma mameluca chamada Romana, moradora que foi no Rio Grande, um deles com uma pistola sobre o mostrador, dizendo para o dono da loja lhe desse fazenda de um fardo que ali estava porque se os castelhanos a haviam de levar, se queriam eles antes aproveitar dela o que ouvindo ele, testemunha, correu com os ditos soldados para fora da casa, sem que levassem coisa alguma e, em outra ocasião, vendo ele, testemunha, passar a João Duarte Serrão com o soldado aventureiro Manoel Leite e o cabo de esquadra de Dragões Claudio Antônio e logo ajuntar-se um grande ajuntamento de gente à sua porta, chegara ali também e perguntara o que aquilo era, respondeu o dito Serrão que ele queria repartir por aqueles camaradas a fazenda que ali tinha para que eles a levassem antes que os castelhanos e perguntando-lhe ele, testemunha, se ele estava doido pois os castelhanos ainda se não achavam na Vila, e que ainda se podia passar a sua fazenda para a outra banda, lhe respondera que sempre a vinha a perder porquanto dali não tinha modo de a conduzir para diante e tornando ele, testemunha, a perguntar-lhe se não tinha ao menos algum fardo mais precioso, lhe disse que só queria lhe reservassem aquele baú que mostrava o qual, com efeito, lhe foram embarcar o dito Manoel Leite com o referido cabo Claudio Antônio, pegando cada um por sua argola, depois do que se retirou ele, testemunha, e se fez à Repartição da Fazenda, pegando toda a pessoa que ali chegou cada um no que pode apanhar e a ele, testemunha, lhe deu depois o dito Manoel Leite nove côvados de pano alvadio grosso de que fez um capote e ultimamente também ouviu dizer com

publicidade que ainda da parte do Norte, se cometeram vários roubos, especialmente a um Apolinário Antônio, a quem de dentro de um baú, tiraram quarenta is e, a princípio, se disse que quem fizera este furto fora João Nunes Viegas, soldado Dragão assistente na Aldeia, porém, depois ouviu dizer ao soldado Pedro de Almeida que o mesmo furto fizera um José Soares, paisano assistente, hoje na Barranca, com outro de quem lhe não disse o nome, mas somente que se achava na Aldeia e que também ouviu dizer a um ilhéu que se acha hoje na Barranca a quem não sabe o nome que, mandando, o capitão Antônio Pinto Carneiro a dois Dragões, um chamado Luiz de Brito que se achava na Barranca e outro Joaquim Manoel que assiste neste Rio Pardo, explorar se os inimigos tinham já passado para a parte do Norte, encontrando-se com um nosso que também não sabe como se chama, mas que assiste na Barranca, o qual trazia em sua companhia uma nossa ilhoa com quem estava contratado para casar, os ditos dois soldados, perto da estância de Bojuru, amarraram o dito homem e depois de terem usado da mulher como quiseram, lhe tiraram algumas peças de ouro que levava e mais não disse deste.

Tt^a. 7^a.

Inácio Soares que vive das suas lavouras e estância no sítio de Botucaraí e nela morador, de 45 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe por ser público que com a notícia da entrega de Castilhos e a chegada dos soldados que dali vieram, houve a maior confusão e desordem na Vila do Rio Grande e que da igreja da mesma Vila se tiraram coroas e resplendores que estavam nas imagens, como também que o pálio se partira em duas metades, o que obrara o cabo de esquadra de Dragões Claudio Gonçalves, que a ele, testemunha, lhe disseram que depois dele Desembargador vir em caminho para esta Fortaleza desertara da Barranca, donde se achava com outros companheiros como também viu ao soldado Félix, Dragão cujo sobrenome não sabe com uma opa da Irmandade do Santíssimo Sacramento ves-

tida, que lhe não lembra se era de seda ou de lã e não sabe donde a houve e ultimamente lhe disse o padre Cruz a quem não sabe outro nome que assistia no Rio Grande que chegou a tanto a insolência com que se profanou a igreja, que ele achara o santo lenho em poder de um negro metido em um tacho de sebo e lhe mostrou a ele, testemunha, pendurado ao peito donde o levava, dizendo-lhe fazia conta de o entregar no Rio de Janeiro, para onde se passava e mais não disse deste.

XI – disse que sabe também por ser público que alguns dos ditos soldados que vieram de Castilhos entraram por força nos armazéns de El Rei, descompondo o tesoureiro de ladrão e de outros nomes injuriosos, dizendo-lhe que pusesse para ali pano de linho e outras coisas e aproveitando-se finalmente de tudo o que havia nos ditos armazéns e, pelo que respeita à cavalaria que ainda pode passar para esta banda do Norte, sabe pelo ver que dela se aproveitaram também os soldados, violentamente, conforme podiam, não só tomando os que lhe eram necessários para si, senão ainda para os venderem, cortando-lhe para isso a outra orelha, porém, ele, testemunha, naquela confusão, não fez apreensão quem foram os ditos soldados e mais não disse deste.

XII – disse que sabe pelo presenciar que na dita Vila fizeram os mesmos soldados e ainda alguns paisanos vários roubos de fazendas das lojas dos mercadores, ele, testemunha, quando passou, vindo de Castilhos, no dia vinte e três do referido mês de abril, viu arrombar várias lojas e delas tirar panos, baetas e o mais que nelas havia, porém não fez apreensão das pessoas que isto obravam e sabe também pela mesma razão que ainda da parte do Norte os mesmos soldados, especialmente, cometeram semelhantes roubos, arrombando baús e fardos de fazendas que seus donos tinham passado para aquela parte, porém, também não conheceu nenhuma individualidade e só viu que um chamado de alcunha o Portoló, que tem ouvido dizer que se acha preso nesta Fortaleza, chegara a tirar um chapéu de galão da cabeça do ca-

pitão-mor, o qual ouvi dizer que logo o vendera a outro e mais não disse deste.

Tt^a. 8^a.

João de Souza Rocha, tesoureiro da Fazenda Real do Rio Grande e todo o seu partido, de 44 anos, pouco mais ou menos.

X – disse que sabe por ser público que alguns soldados que escaparam de Castilhos, chegando à Vila do Rio Grande, embebedando-se com muito vinho e aguardente, que havia pelos armazéns, alguns dos quais se achavam já desemparrados, entraram na igreja da mesma Vila e nela cometeram vários desacatos, porém ele, testemunha, não sabe com individuação em que consistiam, nem quem foram os ditos soldados e mais não disse deste.

XI – disse que estando ele, testemunha, em sua casa, ouvira uns estrondos para a parte dos armazéns da Rua Direita, acudira ele, testemunha, e achara o cabo Francisco Soares com uma machadinha a querer arrombar o dito armazém, em companhia do qual se achava o soldado Francisco Paes, de alcunha o Casquinha e outros, alguns a quem não sabe os nomes pela confusão em que o puseram, e querendo ele testemunha defender o dito armazém, o cercaram no meio e o dito Francisco Soares, pegando a ele, testemunha, pelos peitos e empurrando-o o Casquinha, o obrigaram a abrir-lhe o dito armazém, sem ser possível capacitá-los a que se aquietassem e entrando de borbotão pelo mesmo armazém, dentro não só os referidos mas outros mais, entre os quais conheceu também ao soldado Marcelino dos Santos Lisboa, tiraram dos ditos armazéns tudo o que eles quisessem, como foram chapéus, meias e outras coisas, e que já de antes tinham ido os mesmos soldados tumultuosamente pedir fardamento ao provedor, que para se livrar deles, os mandou para ele, testemunha, como também o foram pedir ao governador, estando já da banda do Norte, obrigando-o a que fizesse o escrito de que já acima fez menção em que ordenava a ele, testemunha, entregasse ao alferes João Bar-

bosa os panos de linho e o mais que houvesse para aquela tropa, cujo escrito lhe apresentou um soldado que veio em uma canoa, em companhia de mais três, a nenhum dos quais sabe os nomes, e dizendo ele, testemunha, que entrassem nos armazéns e que vissem que neles não havia o que lhe pediam, nem o que se lhe mandava dar no dito escrito, descompuseram a ele testemunha, chamando-lhe de ladrão e outros nomes injuriosos e, passando-se outra vez para a banda do Norte, lhe consta pelo ouvir dizer trataram também o dito governador de nomes indecorosos e até de traidor, dizendo que os havia enganado que dos nomes dos ditos soldados, poderá depor o alferes Domingos de Lima Veiga, que foi o que escreveu o dito escrito para assinar o governador. E disse, outrossim, que um soldado índio de nação que não sabe se é aventureiro, se Dragão, nem verdadeiramente onde se acha, levantara o cão da sua espingarda para ele, testemunha, e lhe dissera que na boca daquela arma lhe pusesse seis camisas, quatro chapéus e outros tantos pares de meias, se não que ali o acabava e não podendo ele, testemunha, aquietá-lo com boas razões o obrigou a que lhe fosse buscar alguns chapéus e mais que ainda havia com o que se acomodou, dizendo-lhe que o não matava porque sempre se houvera com bom termo com as tropas e declarou mais que, indo ele, testemunha, acudir a outros armazéns que eram três desprezos em várias partes, os achou já a todos arrombados e que deles haviam tirado o que quiseram, porém não sabe que pessoas os arrombaram e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também por ser público que os mesmos soldados da dita Vila cometeram vários roubos nas lojas dos mercadores, digo nas lojas dos homens de negócio, especialmente a João Duarte Serrão e Manoel da Costa Portela e outros que se chamava por alcunha o Catraio, que todos, lhe consta, se acham hoje no Rio de Janeiro, porém, depois ouviu dizer ao soldado aventureiro Manoel Leite e ao cabo de Dragões Claudio Antônio e o soldado chamado o Bessa que eles haviam pedido a dita fazenda ao referido Serrão, pela não puder transportar e que este voluntariamente lhes dera, porém, ao mesmo

Serrão, ouviu ele, testemunha, depois, dizer que a dera constrangidamente e que nem ele a podia dar por não ser sua, mas de alguns homens de negócio do Rio de Janeiro, a quem a devia e que também ouviu dizer que em todos ou em alguns destes furtos foram cúmplices, além dos referidos, um soldado chamado o Canha, irmão do dito cabo de esquadra Claudio e Francisco da Costa Novaes Bexiga, e disse, outrossim, que sabe também pelo ouvir dizer com a mesma publicidade que da parte do Norte se cometeram vários furtos nas fazendas que para ali se passaram, porém não sabe nada com individuação nesta matéria, se não ouvir queixar a Apolinário Antônio de Almeida, que de um baú que lhe arrombaram, lhe haviam tirado quarenta e tantas dobras e algumas peças de ouro, afirmando que o cabo de esquadra de Dragões João Nunes Viegas, o qual é infamado de haver cometido outros furtos na Praça da Colônia, lhe havia feito o dito roubo e que também ouvira dizer a um Luiz Antônio, por alcunha o Cismático, que um soldado defronte da sua porta, entrara em uma casa onde se achava uma moça donzela a qual forçara e estando a mãe gritando na rua à voz de El Rei, saíra o dito soldado com uma catana lhe dera uma grande cutilada e tornando para dentro da mesma casa, querendo o dito Luiz Antônio acudir a moça, não pudera levar a porta, porém nem lhe disse quem era o dito soldado, nem se o conheceu, nem como se chamavam as mulheres e o dito Luiz Antônio foi para o Rio de Janeiro, mas com ânimo de voltar a continuar seu negócio nas partes de Vião e declarou mais ele, testemunha, que, tendo na sua fazenda da parte do Norte oitenta e tanto cavalos mansos e trinta e seis juntas de bois, lhe deixaram dos primeiros onze por inúteis e dos outros dez juntas, levando-lhe os mais aqueles que primeiro chegaram, especialmente os soldados, como praticaram também com a cavalcada de El Rei, que pode passar para a parte do Norte, e que na mesma parte se deixava em poder do capataz Antônio Ferreira e João Antunes de Porciúncula, sendo os principais agressores dos ditos furtos de cavalos os ditos cabos Francisco Soares, Claudio Antônio e João Nunes e os soldados Francisco Paes, Casquinha, Marcelino dos Santos Lisboa, o

Canha, o Bexiga e o Bessa, como tudo é público e notório e mais não disse deste.

Tt^a. 9^a.

José Carneiro da Fontoura, furriel de Dragões da companhia do capitão Antônio Pinto da Costa do Regimento de que é coronel Tomás Luiz Osório, de 31 anos pouco mais ou menos.

X – disse que também sabe pela mesma razão de ouvir dizer publicamente que os soldados que escaparão da Fortaleza de Castilhos logo que chegaram à Vila com a notícia de se haver entregue aos inimigos, puseram a dita Vila em tal confusão e desordem que algumas pessoas entraram nas igrejas e delas tiraram algumas coisas pertencentes ao uso delas e às imagens dos santos como fora um rosário e coroa de Nossa Senhora, porém, não sabe quem foram as ditas pessoas, nem se verdadeiramente foram soldados ou paisanos e mais não disse deste.

XI – disse que sabe também pela mesma razão que da cavallhada pertencente a Sua Majestade que se pode passar para a parte do Norte e da que se achava na mesma, parte entregue ao capataz Antônio Ferreira, se aproveitaram os soldados e paisanos, qual mais podia, com grande desordem, porque alguns não só apanhavam os que careciam, mas também para vender e alugar e dar a quem lhes pareciam, mas que não sabe com individuação quem foram os culpados na referida desordem, mas somente que fora geral e mais não disse deste.

XII – disse que tem ouvido dizer também que a alguns soldados deram fazendas de vários mercadores do Rio Grande, tanto na dita Vila, como já da parte do Norte, pela não puderem conduzir, porém que eles além da que se lhe dera, ainda furtaram mais alguma, como também os ilhéus, dos quais vários, passando-se para a mesma parte do Norte, depois de nela apanharem quanto puderam e acharam naquela confusão, se passaram para os castelhanos, porém não sabe os nomes dos ditos ilhéus e soldados que estes furtos cometeram e mais não disse deste.

Tt^a. 10^a.

Francisco Pinto de Souza, alferes de Dragão da companhia de que foi capitão Antônio José de Figueiroa, ora assistente de Guarnição nesta Fortaleza do Rio Pardo, de 54 anos pouco mais ou menos.

X – disse que também sabe pelo ouvir dizer que, depois da derrota de Castilhos, se pusera a dita Vila do Rio Grande na maior desordem e confusão, havendo algumas pessoas que cometeram roubos na igreja, porém não sabe quem elas fossem, nem em que consistiram os ditos roubos e que só ouviu dizer que o cabo de esquadra Claudio Antônio trazia consigo o vaso do sacrário e que por ele bebia e mais não disse deste.

XI – disse que sabe por ouvir dizer ao almoxarife da Fazenda Real João de Souza que na mesma ocasião alguns soldados o forçaram a abrir os armazéns reais, dizendo se queriam vestir por se acharem rotos e nus, porém não sabe quem foram os ditos soldados, nem o que tiraram dos mesmos armazéns e pelo que respeita aos cavalos, é público que tanto soldados como paisanos pegavam nos que achavam, ou fossem de El Rei ou de particulares, para se retirarem conforme cada um podia e mais não disse deste.

XII – disse que também tem ouvido dizer com variedade de alguns dos ditos soldados na referida ocasião tiraram alguma fazenda aos mercadores na mesma Vila e muito mais já da parte do Norte, porém, também outros diziam que os mesmos mercadores a davam pela não poderem conduzir e que é certo que a esta Fortaleza se recolheram dois soldados, um chamado Francisco Bessa e outro *fulano* Bexiga, com umas cargas de fazenda, do que tendo notícia o comandante da mesma Fortaleza mandara prender os ditos soldados e tomar conta da mesma fazenda e requerendo eles a não haverem furtado, mas a terem dado a eles, fizeram disto sua justificação em Viamão, a qual viera assinada pelo governador e mais não disse desta.

Tt^a. 11^a.

João Teixeira de Magalhães, capitão da cavalaria da ordenança neste Rio Pardo, de 46 anos pouco mais ou menos.

X – disse que também sabe por ouvir dizer publicamente que os soldados que vieram de Castilhos, logo que chegaram à Vila do Rio Grande, cometeram várias desordens, roubando algumas coisas da igreja e mais não disse deste.

XI – disse que também ouviu dizer com a mesma publicidade que os mesmos soldados da parte do Norte se aproveitaram para a sua retirada dos cavalos que achavam, ou fossem de El Rei ou de particulares, e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também com a mesma publicidade que os referidos soldados tiraram alguma fazenda violentamente aos homens de negócio da dita Vila, mas que outros a repartiram por eles pela não poderem conduzir como fora já da banda do Norte um Luiz Antônio da Cunha e, dentro da Vila, João Duarte Serrão e, posto que também ouviu dizer que este, depois dizia não havia repartido a tal fazenda, lhe consta que tomando-lhe sobre isso satisfação, Miguel Lopes do Toledo, o dito Serrão se calara, e sabe mais que, chegando a esta Fortaleza os dois soldados Dragões Francisco da Costa Novais de alcunha o Bexiga e Francisco Bessa foram mandados pelo tenente coronel prender por trazerem alguma fazenda que se entendeu ser daqueles roubos e, requerendo ao dito tenente coronel, queriam fazer uma justificação de que lhe haviam dado seus donos, a principiaram a fazer perante ele, testemunha, e dizendo que as melhores testemunhas que tinham era em Viamão, onde talvez até poderiam achar o dono das mesmas fazendas que lhes deram, pediram ao mesmo tenente coronel lhes permitisse ir à dita paragem fazer a dita justificação e, permitindo-lhe esta faculdade, debaixo de fiança, foram com efeito e por despacho do governador do Rio Grande foram admitidos a justificar com duas testemunhas perante o escrivão da Fazenda Real o que diziam e, à vista do que eles depuseram, lhe mandou o mesmo governador por outro

despacho entregar a referida fazenda como tudo consta da mesma petição em poder dele, testemunha, mais não disse deste.

Tt^a. 12^a.

João Alves Mourão, capitão de cavalos da ordenança e comandante do Forte do Passo do Rio Pardo, de 43 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe por ouvir dizer por voz vaga que os soldados que escaparam da Fortaleza de Castilhos logo que chegaram à Vila do Rio Grande cometeram nela várias desordens e especialmente na igreja, dizendo-se que um deles tirara a âmbola do sacrário e a trouxera consigo, servindo-se dela para beber água, porém, depois ouviu dizer ao capitão Antônio Pinto Carneiro ser falsa esta notícia, porquanto, quando fora mandado pelo governador Inácio Elói à dita Vila, a conferir com o general Cevallos sobre a suspensão das armas, averiguara que na mesma igreja se achara a referida âmbola, como também ouvira dizer, com a mesma vulgaridade, que os mesmos soldados, na referida ocasião, haviam tirado o manto de Nossa Senhora e o pátio da referida igreja e que de algumas destas coisas se haviam feito coletes para mulheres, porém, que não sabe quem fossem os ditos soldados e mais não disse deste.

XI – disse que só ouvira dizer que dos armazéns reais se tirara algum armamento, depois destes ficarem desamparados, pelo que toca às cavalarias pertencentes a El Rei, tanto os cavalos que passaram para esta parte, como alguns que nela havia, todos os que puderam, assim paisanos como soldados, se aproveitaram deles, pegando cada um nos que podia e ainda uns aos outros, digo, e ainda tirando-os uns aos outros e mais não disse deste.

XII – disse que sabe por ser público que os mesmos soldados cometeram vários roubos na mesma Vila, nas fazendas dos moradores e mercadores dela e que os mesmos, e ainda com maior violência, cometeram na parte do Norte, no que para ali se tinha passado e que especialmente ouviu queixar a Bernardo José, genro do capitão

Francisco Pinto Bandeira, que o soldado Dragão Marcelino, que por sobrenome não perca, lhe furtara várias coisas e que ainda atualmente estava usando das suas camisas e que sabe também que a este quartel se recolheram dois soldados, um chamado Francisco Bessa e outro o Bexiga de alcunha, e trazendo alguma fazenda que poderia importar para cima de quinhentos mil réis, se mandara depositar a dita fazenda e prender os referidos soldados pelo tenente coronel comandante e requerendo que queriam justificar haver-se-lhe dado a dita fazenda, sendo a isso admitidos e continuando-se viera dar justificação a ele, testemunha, a impugnara, requerendo que os ditos soldados fossem remetidos à Ilha de Santa Catarina, onde deviam justificar perante o ouvidor o que alegavam, citada a parte, suprimiram este requerimento e justificação, pedindo que fossem admitidos a fazer outra em Viamão, onde ele, testemunha, tem notícia a fizeram perante o escrivão da Provedoria e com ela e despacho do governador Inácio Elói se lhe entregou a dita fazenda e mais não disse deste.

Tt^a. 13^a.

André de Souza, soldado Dragão da companhia do coronel e ora de guarnição nesta Fortaleza de Rio Pardo, de 24 anos pouco mais ou menos.

X – disse que só ouvira dizer que da igreja do Rio Grande se havia furtado um cálice e que um soldado o trazia e vinha bebendo água, por ele, porém, não sabe quem fosse o dito soldado, mas também ouviu dizer, depois disso, que o dito cálice, fazendo diligência por ele, o padre José Carlos, Vigário de Viamão, o tomara ao dito soldado e mais não disse deste.

XI – disse que quando ele, testemunha, chegara, à Vila do Rio Grande já se achara tudo no maior destroço que se pode considerar, achando-se os armazéns reais abertos e tudo o que se não tinha passado para a outra banda pelo meio das ruas, de sorte que nelas se achavam caixas e pipas arrombadas, armas e outras muitas coisas,

porém, não sabe verdadeiramente que causara o dito destroço, porque os soldados culpam os paisanos e estes dizem foram os ditos soldados e, pelo que toca aos cavalos, não sabe ele, testemunha, quem deles se aproveitou, porque, quando chegou à parte do Norte, já não vira cavalo algum, de sorte que fora obrigado a caminhar a pé pela praia, até o porto da Capararoca, onde se embarcou em uma canoa com alguns paisanos, até o Porto dos Casais, e mais não disse deste.

XII – disse que só sabe pelo ouvir dizer ao mercador Luiz Antônio, de alcunha o Cismático, que ele, por sua mão, repartira baetas e outras fazendas suas próprias, a quem as queria, pelas não poder conduzir e mais não disse deste.

Tt^a. 14^a.

Antônio Ricardo da Costa Bravo, escrivão da Fazenda Real e matrícula da Provedoria deste continente, de 52 anos pouco mais ou menos.

X – disse também por ser público que na caixa de um ilhéu se acharam três mantos de Nossa Senhora da igreja do Rio Grande, os quais mostraram a ele, testemunha, logo que lhe foram achados e os viu entregar ao vigário desta capela o padre José Carlos da Silva e entende que na mesma ainda se achavam, porém não sabe o nome do dito ilhéu e ouviu dizer se havia passado para o lado dos castelhanos, como também ouviu que da mesma igreja se havia furtado o vaso do sacrário, mas esta notícia a tem por falsa, por lhe assegurar o capitão Antônio Pinto Carneiro que na ocasião em que fora mandado à Vila do Rio Grande, conferir com o general Cevallos, na mesma igreja vira o dito vaso e do mesmo estar-se dando a comunhão a algumas pessoas e mais não disse deste.

XI – disse que só sabe por ouvir dizer que alguns soldados descompueram o tesoureiro da Fazenda Real, pedindo-lhe algumas coisas do que havia nos armazéns, dizendo-lhe se queriam aproveitar delas por não ficarem aos castelhanos e também sabe pelo ver que dos cavalos que se passaram para esta banda se aproveitaram também a maior

parte dos soldados, montando em uns e botando outros por diante, porém, não sabe os nomes dos sobreditos soldados que estas coisas cometeram e mais não disse deste.

XII – nada disse.

Tt^a. 15^a.

Antônio José de Moura, fiel dos armazéns reais, de 35 anos pouco mais ou menos.

X – disse que ouvira dizer que da igreja do Rio Grande se tiraram algumas coisas pertencentes à mesma igreja, depois da grande confusão em que se pôs a dita Vila, com a notícia da entrada de Castilhos, porém, não sabe em que consistiram as ditas coisas, nem quem foram as pessoas que as tiraram, e só também ouviu dizer que um soldado Dragão, chamado por alcunha o Casquinha, estando já muito bêbado, com muito vinho e aguardente que havia pelos armazéns e tavernas, já desamparadas, se pusera a atirar tiros, fazendo alvo na porta da igreja e mais não disse deste.

XI – disse que na referida ocasião, encontrando-se com ele, testemunha, o soldado Dragão Manoel Pereira de Magalhães, a quem seguiam uns cinco ou seis dos quais um era o dita chamado Casquinha, outro Francisco Soares e outro *fulano* Bessa, e aos mais não sabe o nome, lhe pedira o primeiro que entregasse a chave do armazém da Rua Direita, pertencente à Sua Majestade, em que estava o mais principal da fazenda e armamento e, negando, ele, testemunha, tê-la, botando-lhe para a banda de fora as algibeiras do calção para o capacitar, e, querendo fazer o mesmo as da véstia, se não queria acomodar com isso o dito soldado, instando-lhe a que lhe desse a mesma véstia e acomodando os outros para que deixasse a ele, testemunha; assim o fez com efeito e botando a ele, dito testemunha, para casa do Tesouro, aí largava a dita chave sobe uma mesa e a este tempo, sendo chamado pelo Provedor para que com ele fosse acudir ao armazém das farinhas, que ficava alguma coisa distante, indo, com efeito, já o achara aberto

e dentro um grande tumulto de gente, a maior parte dela casais das Ilhas, ensacando a dita farinha e querendo o dito Provedor, com boas palavras, botá-los para fora, o não pode conseguir, e um deles a que não sabe o nome, mas o conheceu de vista, se se encontrar com ele pegando em um saco em que havia algum resto de cal, o sacudira em cima do dito Provedor, enchendo-lhe a cara e o vestido da mesma cal e, saindo dali, com ele, testemunha, por não experimentar maiores desatenções, passando ele, dito testemunha, a falar ao governador e dizendo-lhe que fosse acudir ao armazém da Rua Direita, indo com efeito, já o achara aberto e saindo com meia, chapéus, xareis, facas e outras coisas que no dito armazém havia, não obstante, a oposição que lhe fazia o tesoureiro e, depois destes, é público que entraram muitos outros soldados, como também casais das Ilhas e que todos tiraram o que acharam, de sorte que, havendo nos ditos armazéns dezesete caixões de armas e grande quantidade de arreios, brins, lonas e baetas, os deixaram limpos da maior patê dos ditos gêneros, botando os caixões para a rua, porém, não sabe os nomes dos ditos soldados, nem casais e só ouviu dizer que um dos primeiros, chamado *fulano* da Arruda, metera uma arma ao tesoureiro, dizendo lhe pusesse na boca da mesma seis camisas e outras tantas ceroulas e que ele o acomodar o melhor que pudera, dando-lhe sempre alguma coisa e que ouvira dizer, também publicamente, que dos ditos casais, situados no rincão de Torotama, dois deles, de maior nome, entre os ditos, um chamado Francisco Pires de Souza e outro Francisco Peixoto, logo que tiveram notícia da chegada dos inimigos, dias antes de entrarem o Passo de Castilhos, tinham arvorado a bandeira branca nas suas casas, apelidando o Rei Carlos III, e pelo que toca aos cavalos de El Rei, sabe pelo ver que deles se aproveitaram todos os que puderam, tanto paisanos, como soldados, porém, estes especialmente de sorte que houve muitos que chegaram a este sítio da Capela, com vinte e trinta dos ditos cavalos e mais não diste deste.

XII – disse que também é público e notório que aos mercadores e homens de negócio da dita Vila se fizeram vários roubos e que,

especialmente ouvira dizer que os soldados da Praça de Santos haviam arrombado a longe de Manoel da Costa Portela e dela haviam tirado muita fazenda e que atrás destes se seguiram um tumulto de outros soldados e ilhéus que acabaram de arrombar e que ele, testemunha, o encontrara já desta parte a pé, no sítio do Quintão, e lhe dissera que ali ia roubado de tudo, mas se não queixava de pessoa alguma e que também ouvira dizer, com a mesma publicidade, que, tendo João Duarte Serrão enfardado a sua fazenda para a passar para bordo de uma embarcação das que vinham para o Rio de Janeiro, se foram ter com ele o cabo de Dragões Claudio Antônio e os soldados Francisco da Costa Novaes, por alcunha o Bexiga, e outro por nome Francisco Bessa e Manoel Leite, dizendo-lhe como estava ainda ali, quando o inimigo já vinha entrando pelo hospício do que capacitado o sobredito lhe dissera que, visto isso, lhe salvassem um baú que ali tinha e a mais fazenda e repartissem entre si, como com efeito fizeram, publicando depois que o dito Serrão, lhe havia dado, porém, o mesmo dissera depois a ele, testemunha, lhe haviam roubado por aquela forma, como também lhe haviam feito ao mesmo baú, que da primeira vez lhe reservaram, ou os mesmos o outros soldados de que não está bem certo, fazendo-lhe semelhante engano de que já ali vinham chegando os inimigos e sabe mais, também por ser público, que já da banda do Norte se queixavam várias pessoas de furtos que lhe fizeram os soldados e também ilhéus e alguns negros e, especialmente, ouviu dizer que a Apolinário Antônio de Almeida se havia arrombado um baú dentro do qual lhe tiraram dezoito dobras em ouro, algum dinheiro em prata de Castela, todo o ouro de sua mulher, algumas colheres e garfos de prata e as sua roupa toda, de sorte que encontrando a ele, testemunha, em caminho, levando vestida uma camisa de um negro, lhe pedira pelo amor de Deus lhe desse uma e que ouvira dizer, publicamente a princípio, que este furto o fizera o soldado Dragão João Nunes, com outros, o qual é informado de semelhantes delitos, tanto na Colônia como no Rio Grande, aonde assistiu, porém, agora se diz que algumas das ditas coisas apareceram na mão de José Soares e seus filhos, moradores

na Estância de São Simão, em que assistiu o coronel Félix José e é certo que a ele, testemunha, passando para a Barranca com umas carretas, no mês de dezembro passado, pousando na dita Estância, lhe dissera o sobredito José Soares que os seus rapazes tinham havido uma bocetinha com algumas peças de ouro, que ele se queria botar fora daquilo, por ser coisa de que não podia vir bem algum, ao que ele, testemunha, lhe respondera que fazia bem, porém, não lhe perguntara donde vieram as referidas peças, nem sabe se eram do dito furto e mais não disse deste.

Tt^a. 16^a.

Miguel Lopes de Toledo, capataz das carretas e boiadas de Sua Majestade, assistente na Aldeia de Viamão, de 40 anos pouco mais ou menos.

X – disse que, depois que ele, testemunha, chegara a este continente, ouvira dizer a algumas pessoas de cujos nomes não esta lembrado que a gente que escapara de Castilhos cometera na Vila do Rio Grande várias desordens, fazendo-se vários roubos na igreja e que ouvia dizer que algumas coisas da mesma as levava consigo o vigário da dita igreja e também o padre frei Valério, comissário que era dos Terceiros na dita Vila e que em poder de uns ilhéus a quem não sabe o nome se achara um ou dois mantos de Nossa Senhora e mais não disse deste.

XI – disse que sabe pelo ver que o armazém das farinhas o arrombara com um machado um soldado de véstia amarela a que não sabe o nome, mas que lhe consta que se acha na Barranca e se ele, testemunha, o ver o há de reconhecer, e que também sabe por ouvir queixar ao tesoureiro da Fazenda Real de que o quiseram violentar para que abrisse o armazém de armas e fazendas, o qual, com efeito, sempre se abriu e dele se tiraram algumas coisas, porém, não sabe o como, nem que pessoas, nem o dito tesoureiro lhe declarou as que lhe quiseram fazer a violência de que se queixava, e que também ouviu dizer que

dos cavalos de Sua Majestade, que havia desta parte, o coronel Félix José pegara em uma ponta deles e algumas mulas e os levaram para Cima da Serra, donde, por ordem do governo, se lhe tiraram alguns, e que também o capataz da dita cavallhada, Antônio Ferreira, levava outros quando se retirara para Laguna, e que outros, finalmente, pegaram neles os soldados e peões para fugirem, dos quais uns os entregaram e outros os largaram no campo, e mais não disse deste.

XII – disse que, achando-se ele, testemunha, na Vila do Rio Grande, se chegara a ele um homem chamado Custódio e que não sabe o sobrenome, que hoje assiste em Santa Catarina, e lhe dissera lhe valesse, porquanto um peão chamado José, por alcunha o Capororoca, lhe queria arrombar um fardo de fazenda que tinha na praia e indo ele, testemunha, com o dito homem, já acharam o dito fardo arrombado e o sobredito peão com um ou dois chapéus e, no braço, um embrulho de pano de linho e baeta ou pano de cor, por cuja razão dissera ao dito homem que, como o dito peão já levava aquelas coisas e tinha arrombado o fardo, não podia tirar-lhes, por se não expor a alguma detenção e vendo, outrossim, ele, testemunha, passar os soldados, um chamado por alcunha o Bexiga, outro *fulano* Bessa e outro camarada deste, chamado Rodrigo, que ficou prisioneiro com alguma fazenda, os mesmos lhe disseram que João Duarte Serrão havia repartido aquela fazenda por eles e pelo cabo Claudio Antônio e outros, pela não puder conduzir com a condição de lhe salvarem uma caixa ou baú que, com efeito, lhe conduziram e que, passando ele, testemunha, dali a pouco por onde estava o dito João Duarte Serrão, que se achava sentado junto do mesmo armazém, donde tinha saído a fazenda chorando, lhe perguntara se aquela fazenda era sua e respondendo-lhe em voz baixa o que quer que fosse que ele, testemunha, não percebeu, pelo não importunar mais, se foi embora, depois do que sabe que, vindo os ditos dois soldados Bexiga e Bessa se recolheram com parte da dita fazenda para o Rio Pardo, onde prendendo-se um ou ambos, tomando-se-lhe a dita fazenda, vieram a este sítio, fazer uma justificação de que lhe haviam dado na qual o produziram por testemunha e ele depôs o que

aqui tem jurado por ser somente o que na verdade sabe do referido caso e se outra coisa se achar escrito na dita justificação, é falso, é assim de desculpar os ditos soldados, e também tem ouvido dizer que da parte do Norte se fizeram vários furtos, especialmente que a um Apolinário Antônio se arrombara uma caixa donde se lhe tiraram algumas prendas de ouro e algum dinheiro e, dizendo-se a princípio que quem havia cometido o dito furto fora um soldado chamado João Nunes, depois se disse ser um José Soares e mais não disse deste.

Tt^a. 17^a.

Francisco Coelho Osório, capitão-mor do Distrito do Rio Grande, por ora assistente na fazenda do Barros, de 50 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe também por ser público que os soldados que vieram fugitivos de Castilhos causaram na dita Vila as maiores desordens que se podem considerar e que, pelo que toca à igreja, ouviu dizer com a mesma publicidade haviam atirado alguns tiros à porta e a haviam metido dentro e que dela haviam roubado a âmbula do sacrário e um cálice por donde vinham bebendo pelo caminho, como também um rosário de ouro que se achava nas mãos de Nossa Senhora e o pálio e véu de ombros ricos de que, depois de feitos em pedaços, fizeram usos profanos como foram chinelos para mulheres, porém, nem sabe nem ouviu dizer quem fossem as pessoas que cometeram semelhantes maldades e mais não disse deste.

XI – disse que sabe também pela mesma razão de ser público que os mesmos soldados arrombaram os armazéns reais e deles tiraram tudo o que quiseram, especialmente armas e munições, e ouviu dizer ao tesoureiro dos mesmos armazéns que um dos ditos soldados lhe metera uma arma, dizendo lhe pusesse nela umas camisas e um chapéu e que se desviara dele dizendo que lhe as ia buscar e que sabe pelo ver que de todos os cavalos que passarão para a parte do Norte pertencentes à Sua Majestade e ainda a particulares, que haviam

passado de mil, se aproveitaram os ditos soldados, botando por diante de si os que podiam levar, de sorte que a ele, testemunha, lhe levaram vinte e sete que tinha podido passar e o deixaram a pé, porém, também não sabe com individuação quem foram os ditos soldados e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também por ser público que os mesmos soldados saquearam a dita Vila, roubando tudo o que achavam aos homens de negócio e mercadores da mesma Vila, tanto dentro dela como já da parte do Norte e que também tiraram algumas mulheres a seus pais e mães e as levaram consigo, para onde quiseram, porém que também lhe não sabe os nomes e que só ouviu dizer que um João Nunes, soldado Dragão, com três camaradas, arrombaram um baú a Apolinário Antônio, do qual lhe tiraram quarenta dobras, o que também lhe disse a ele, testemunha, o mesmo Apolinário Antônio, acrescentando que a dois dos sobreditos ainda pudera tirar vinte dobras que lhe haviam tocado e mais não disse deste.

Tt^a. 18^a.

João de Oliveira, cabo de esquadra de Dragões, da companhia do tenente-coronel e comandante no Porto dos Casais, de 61 anos pouco mais ou menos.

X – disse que ele, testemunha, quando viera de volta de Castilhos, não buscara a Vila do Rio Grande, por fugir de se encontrar com as partidas dos inimigos e fora tomar pela costa do mar até à barra, onde passara para a outra banda em uma canoinha que achara enterrada na areia, de sorte que não sabe o que se passara na dita Vila, na entrada dos inimigos, nem da banda do Norte, porque quando ali chegara já toda a gente que para aquela parte tinha passado, a havia desemparrado e havendo seis dias que os inimigos tinham entrado na Vila, ainda não tinham posto guarda da outra banda e só naquele mesmo dias sexto, depois da sua entrada, tinham de dia ido à dita Vila e tudo o que ele, testemunha, tem ouvido falar em matéria de furtos de igreja e

outros tem sido com tanta variedade que não pode fazer juízo certo na matéria e mais não disse deste.

XI – nada disse.

XII – nada disse.

Tt^a. 19^a.

José Antônio de Vasconcelos, capitão das ordenanças da Vila do Rio Grande, morador na sua estância de Capivari, de 42 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe também pelo ouvir dizer publicamente que os soldados que se puderam escapar da invasão de Castilhos cometeram várias desordens na Vila do Rio Grande, quando que a ela chegaram e que os mesmos arrombaram violentamente os armazéns reais, tirando algumas coisas do que neles havia e que muitos que passaram pela porta dele, testemunha, viu montados em cavalos reinóis e com outros por diante, porém, não fez apreensão em quem eles eram, pela multidão e confusão deles e mais não disse deste.

XII – disse que sabe pela mesma razão que os mesmos soldados cometeram vários roubos na dita Vila aos homens de negócio dela, tirando-lhes muitas fazendas de fardos, onde as tinham para as passar, arrombando muitas pipas de vinho e aguardente, bebendo delas até se embebedarem, fazendo, depois de bêbados, vários desatinos como era darem tiros para atemorizar, e as mesmas desordens e roubos lhe consta cometeram ainda na banda do Norte, porém, também não sabe quem fossem os ditos soldados e sabe, outrossim, que um ilhéu, que somente conhece de vista e não sabe verdadeiramente aonde assiste, vindo já de volta para a Barranca, na companhia de uns soldados, se fora ter com ele, testemunha, a pedir-lhe quisesse ir tirar sua mulher do poder de um dos ditos soldados, com quem ia voluntariamente e que não se querendo ele, testemunha, meter em semelhante negócio por se achar sem forças bastante para o poder fazer, falara com o

dito homem ao cabo de esquadra Antônio José da Rosa, que se achava em casa dele, testemunha, para que fizesse com que o dito soldado entregasse a dita mulher, escrevendo-lhe o cabo de esquadra uma carta, o mesmo soldado lhe não deu resposta e foi continuando a sua marcha e, em seguimento dele, o dito ilhéu e verdadeiramente não sabe o nome do dito soldado, mas tem algumas especiais que lhe chamavam *fulano* Paulista ou José Paulista, nem sabe se é Dragão ou aventureiro e tem ouvido dizer que assiste para as partes da Barranca e mais não disse deste.

Tt^a. 20^a.

Francisco Luiz Coelho, homem de negócio, morador que foi no Rio Grande, de 33 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – nada disse.

XII – disse que sabe pelo ver e ser público que os soldados que vieram fugindo de Castilhos, tanto na dita Vila, como já da banda do Norte, fizeram várias desordens na mesma Vila e saquearam a muitos dos mercadores dela, como foram com mais excesso a João Duarte Serrão, Manoel da Costa Portela e, ouviu dizer, que o primeiro se queixava de que as principais cabeças do roubo que se lhe fizeram foram o cabo de esquadra de Dragões Claudio Antônio e o soldado aventureiro Manoel Leite e a ele, testemunha, lhe entraram também dentro da sua loja dez ou doze dos ditos soldados, a tempo que se achava na praia, embarcando algumas coisas, antes que os castelhanos as levassem, e, tornando a ele, testemunha, a dizer-lhes que não fazia conta de as deixar pois se estava arrumando, um dentre os ditos soldados respondera que ele, testemunha, tinha razão e que saíssem para foram, porém, a tempo que já tinham pegado em várias coisas que lhe levaram e saindo, com efeito, logo ali disseram uns para os outros que tomaram achar ainda alguma loja bem sortida de fazenda, porém, ele, testemunha, não conheceu os ditos soldados, nem sabe os

nomes e, outrossim, sabe também pelo ouvir dizer publicamente e se lhe queixar a ele, testemunha, Apolinário Antônio que da banda do Norte lhe arrombaram um baú donde lhe tiraram quarenta e tantas dobras, algumas peças de ouro e ainda alguma roupa e ouviu dizer a algumas pessoas que se não lembra o nome e que o dito roubo o havia feito um soldado Dragão chamado João Nunes e a uma das ditas pessoas de que que não tem memória ouviu também dizer que umas das peças de ouro de que constara o dito furto a vendera ou cometera com ela o dito soldado João Nunes a um Caetano a quem não sabe o sobrenome, mestre de uma lancha que navega da Ilha de Santa Catarina para Laguna e mais não disse deste.

Tt^a. 21^a.

Luiz Gonçalves Viana, morador que foi do Rio Grande e vivia das suas fazendas, de 53 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe também por ser público que os soldados que vieram de Castilhos tanto que chegaram à Vila do Rio Grande a puseram na maior desordem e confusão, saqueando como se fossem inimigos, entrando nas igrejas, armazéns reais, casas e lojas dos moradores, e tirando delas o que quiseram, quebrando e deitando a perder outras coisas, porém, que não sabe com individuação em que consistiram os furtos sobreditos, nem os nomes dos soldados que os cometeram e que só ouvir dizer que, além de outras coisas, tiraram da igreja o pano da tumba de veludo preto com galão e franja de ouro e mais não disse deste.

XI – nada disse.

XII – nada disse.

Tt^a. 22^a.

Francisco da Costa Vilaça, morador que foi do Rio Grande e agora neste sítio da Capela que vive do seu negócio, de 45 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe pelo ver que alguns soldados dragões e aventureiros que se escaparam de Castilhos, tumultuosamente se chegaram ao tesoureiro da Fazenda Real e lhe pediram as chaves do armazém principal, dizendo se queriam refazer do que careciam por virem destróçados da marcha e se lhe estar devendo, e, defendendo-se o dito tesoureiro o melhor que pode, daí a pouco viu ele, testemunha, o armazém aberto não sabe porque modo ou forma e dele extraírem os ditos soldados armas e chapéus, lombilhos, lonas e cada um o que queria e nos ditos armazéns havia, e que sabe, também pela mesma razão, que dos cavalos que vieram de Castilhos se passara para a parte do Norte uma ponta de quatrocentos ou quinhentos reinóis, além de outros de particulares, e que destes se apoderaram os soldados para si e seus amigos, e ainda ouviu dizer que alguns venderam, de sorte que nem o governador, nem oficial algum, se pudera utilizar de nenhum dos ditos cavalos e ainda os particulares ficaram sem eles os seus donos, porém, ele, testemunha, não sabe os nomes dos ditos soldados que todo o acima referido cometeram por serem muitos e a confusão grande e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também por ser público que, tendo João Duarte Serrão, homem de negócio da dita Vila, enfardado muita fazenda e posta em uma casa perto do porto para ali a embarcar, como ele, testemunha, viu, a ele se chegara um cabo de esquadra por nome Claudio Antônio com outros seus sequazes e lhe disseram juntos em tumulto que lhe largasse aquela fazenda, se a havia de deixar ao inimigo e que, com efeito, a desenfardaram e repartiram entre si, e que a Manoel da Costa Portela, também homem de negócio, fizeram o mesmo, arrobando-lhe as portas e repartindo a fazenda que também já tinha enfardado, indo a ver embarcação para a passar da outra banda, não sabe, porém, se os mesmos seriam diferentes soldados, e é outrossim público que, da banda do Norte, se continuaram os mesmos furtos, com grande frequência arrombando-se caixas e abrindo-se sacos, não

perdoando a nada que podiam apanhar, fosse de quem fosse e mais não disse deste.

Tt^a. 23^a.

Manoel Fernandes Vieira, capitão de mar e guerra *ad honorem* assistente que foi no Rio Grande e ora neste sítio da Capela de Viamão, de 37 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe pelo ouvir dizer publicamente que um soldado que veio fugitivo de Castilhos roubara da igreja a âmbula do sacrário e que, na retirada que fizera para estas partes de Viamão, viera bebendo água por ela, porém, não sabe nem ouviu dizer o nome do dito soldado e mais não disse deste.

XI – disse que sabe por ouvir queixar ao tesoureiro da Fazenda Real que alguns dos ditos soldados o violentaram para que lhe desse o que havia nos armazéns reais, dizendo se queriam aproveitar daquelas coisas por não ficarem aos inimigos, e que sabe pelo ver que todos os cavalos reinóis que passaram para a banda do Norte os pegaram os ditos soldados e ainda muitos de particulares, botando por diante de si todos os que podiam ajuntar, dizendo que naquela ocasião eram os bens comuns, porém, que também não sabe os nomes dos ditos soldados e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também por ser público que os mesmos soldados, dentro da Vila, cometeram vários roubos, especialmente ouviu queixar a João Duarte Serrão e a Manoel Costa Portela que os mesmos lhe haviam entrado nas suas lojas em que tinham muita fazenda e lhe haviam roubado toda ela, ou a maior parte, e que é também público que os mesmos roubos cometeram nas fazendas que se passaram para a parte do Norte e, especialmente ouvir queixar Apolinário Antônio de Almeida de que o soldado Dragão João Nunes lhe havia arrombado um baú e dele tirado todo o ouro de sua mulher e quarenta dobras em dinheiro, e ouviu dizer na Ilha de Santa Catarina a várias pessoas que o dito soldado, passando por aquela Ilha, com uma parada para

o Rio de Janeiro, nela aparecera com várias dobras de que não sabe a quantidade certa nem se era dinheiro que o dito soldado pudesse licitamente possuir e mais não disse deste.

Tt^a. 24^a.

Domingos Simões Marques que vive de seu negócio, assistente neste sítio da Capela de Viamão, de 46 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe também por ser notório que na Vila do Rio Grande houve vários roubos, depois da entrega de Castilhos e que também na igreja se tiraram algumas coisas, porém, não sabe quais elas fossem e nem as pessoas que cometeram os ditos furtos e mais não disse deste.

XI – disse que também sabe pelo ouvir dizer ao tesoureiro da Fazenda Real que alguns soldados entraram violentamente nos armazéns reais e que deles tiraram algumas coisas mais não disse deste.

XII – nada disse.

Tt^a. 25^a.

Antônio Ferreira Gomes, capataz das carretas e boiadas de Sua Majestade e assistente na Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos, de 44 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe pelo ouvir publicamente que os soldados que escaparam de Castilhos cometeram várias desordens na Vila do Rio Grande e que alguns deles entraram nos armazéns reais, digo de El Rei, donde tiraram algumas coisas do que neles havia, e sabe pelo ver que tendo ordem do governador para lhe mandar duzentos cavalos para fazer a sua retirada, depois de ter passado para a banda do Norte, mandou-os, com efeito, os tomaram em caminho alguns dos ditos soldados, um dos quais era o soldado Manoel da Silva Lisboa e, além desses, se aproveitaram também do resto que ainda havia na Estância,

publicando que se ele, testemunha, os quisesse defender lhe haviam de atirar um tiro como também levaram alguns dele, testemunha, que indo-se ter com os ditos soldados, um dos quais era um João Nunes e outro José de Mendonça, que a pouco tempo deu baixa com mais cinco ou seis que não conheceu, para lhe entregarem uns e outros lhe deram somente os que eram seus próprios, mas não os reinóis, dizendo-lhes que eles eram soldados que estavam primeiro que outra qualquer pessoa e que nesta forma levaram os ditos cavalos, cujo número não sabe certamente, mas sempre acha que passaram de mais de cem, os quase todos ou a maior parte dissera depois a ele, testemunha, o capitão Antônio Pinto Carneiro lhe haviam entregue os ditos soldados e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também por ser público que na dita Vila do Rio Grande se cometeram vários furtos nas fazendas dos homens de negócio e que muitos soldados passaram para esta parte trazendo cargas das mesmas fazendas, como foram o cabo Claudio Antônio Macieira, os soldados por alcunha o Bexiga e *fulano* Bessa, e outros a que não sabe os nomes, porém, que também tem ouvido dizer que os ditos soldados diziam lhes haviam dado as ditas fazendas e outras pessoas referem que, com efeito, eram furtadas e mais não disse deste.

Tt^a. 26^a.

Luiz de Queiróz, morador no sítio de Santo Antônio da Guarda Velha, alferes da ordenança da Vila do Rio Grande, onde vivia de seu negócio, de 44 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe por ouvir dizer publicamente que alguns dos soldados que escaparam, fugindo de Castilhos, chegados que foram à Vila do Rio Grande cometeram nela várias desordens, arrombando os armazéns de El Rei, e tirando deles o que quiseram, e que os mesmos da parte do Norte pegavam nos cavalos reinóis que por ali apareciam e neles faziam a sua retirada, porém que não sabe com individuação

quem foram os ditos soldados e só na fazenda das Mostardas presenciara que o cabo de esquadra José Marques tirara a uns ilhéus cinco cavalos reinóis em que conduziam os seus filhos e alguma roupa de seu uso, puxando para esse efeito da catana, porém, não lhe chegou a dar cujo cabo de esquadra já nesse tempo trazia trinta e tantos cavalos na sua comitiva, e declarou, outrossim, que o mesmo cabo de esquadra fora o primeiro que entrara na Vila do Rio Grande, vindo de Castilhos, e indo direto à porta da casa do governador, em que ele, testemunha, se achava de saída, lhe perguntara se ainda ali estava e que fazia que não tinha arrebitado aquele ladrão e traidor que o botasse para fora que o queria fazer em postas que era o que ele merecia, e o coronel pelos entregar com outras mais palavras indecorosas que juntamente proferira e, pretendendo, ele, testemunha, acomodá-los com bons termos, o descompusera da mesma forma e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também pelo ver se ser público que foram tais as desordens que cometeram os ditos soldados, especialmente depois de muitos deles se embebedarem com muito vinho e aguardente que havia nos armazéns, que os mesmos donos desemparravam, que atiravam vários tiros pelas ruas, atropelavam muitas pessoas debaixo dos cavalos e outras feriram e maltratavam com as catanas e especialmente ao soldado Gaspar Perez dera outro a que não sabe o nome um tiro de que, dando-lhe a bala junto de um ouvido, e resvalando-lhe para cima da cabeça, ele, testemunha, o curara pelo amor de Deus, já da parte do Norte, porém, que sempre viera a falecer dali a coisa de quinze dias, e sabe também por ser público que os ditos soldados na referida ocasião arrombaram várias portas de mercadores, como foram as de Manoel da Costa Portela, Francisco Gonçalves Pereira, que se achavam no Rio de Janeiro, e outras, lhes roubaram de suas lojas muitas fazendas, e só ouviu nomear por cúmplices nestas partes ao cabo de esquadra Claudio Antônio e aos soldados João Nunes e Domingos de Meira, e que também é público que os mesmos furtos continuaram os ditos soldados da banda do Norte, que fizeram a ele, testemunha, levando-lhe uma véstia e um calção de pano azul novo e escalando-lhe um baú

com um machado, de que lhe tiraram toda a roupa branca, o estanho e outras miudezas que dentro dele tinha e, além disso, lhe levaram também um tacho, uma marmita de cobre e duas bacias de doce e uma de pés de arame, porém não sabe de quem se possa queixar lhe cometera os ditos furtos, e mais não disse deste.

Tt^a. 27^a.

João Ferreira de Abreu, soldado Dragão da companhia de Figueiroa e ora assistente na Barranca do Norte, de 42 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que quando ele, testemunha, passara pela Vila do Rio Grande já achara os armazéns de El Rei desamparados e abertos, com a chave na porta, porém não sabe se neles se cometeram alguns furtos, e que sabe por ser público que dos cavalos reinóis que havia da banda do Norte se aproveitaram os soldados para neles se retirarem, tirando alguns a paisanos e tornando-os a vender a outros e mais não disse deste.

XII – disse que sabe pelo ver que, achando-se em um armazém de Antônio José de Moura muitos fardos de fazendas pertencentes a João Duarte Serrão, a ele foram o cabo de esquadra Claudio Antônio e o soldado aventureiro Manoel Leite e outro chamado de alcunha o Bexiga e, depois de falarem com o dito Serrão, o que ele, testemunha, não percebeu, dissera este, por fim, chorando que se os castelhanos se haviam de aproveitar daquela fazenda, a repartissem eles entre si e os seus camaradas, reservando-lhe somente um baú e que, com efeito, a repartiram e ele, testemunha, viu a muitos dos sobreditos passarem muita da dita fazenda para a banda do Norte e depois a conduzirem em cargas para o Rio Pardo e por este sítio da Capela e outras partes, por onde a andaram vendendo, e que sabe também por ser público que também se arrombara a porta da loja de outro mercador, *fulano* Portela, da qual também furtaram muita fazenda e

que ouviu dizer que quem fizera os ditos furtos foram os soldados Joaquim Manoel, o Bexiga, um Francisco Bessa Portugal e Antônio Luiz de Queiróz e outros, muito especialmente um por nome Domingos, outro chamado José Caetano, outro de alcunha o Casquinha e outro o Fanha, os quais, com a vinda dele dito desembargador, logo se passaram para os castelhanos e que a todos os sobreditos viu também ele, testemunha, bastante fazenda, que andaram vendendo por estas partes, e sabe mais também por ser público que, tendo-se ocultado uma grande porção de fazendas em uma macega na ponta da Ilha chamada dos Cavalos, pertencente a dita fazenda a Custódio Machado, que se acha no Rio de Janeiro, tendo disto notícia um pardo chamado José Rodrigues, de alcunha o Beicinho, morador do sítio da Tratada, conduziu a dita fazenda para sua casa e nela a tem vendido e ele, testemunha, lhe viu parte da dita fazenda e dez dobras em dinheiro, andando de presente bem tratado, sendo até ali homem muito pobre, que não tinha nada de seu mais do que uma rede com que pescava, e que ouviu dizer também que parte da dita fazenda que constava de esguiões, cambraias, casas, panos e baetas meias de seda e outras coisas de preço, era pertencente ao furto do Portela, e ultimamente o mesmo José Rodrigues há pouco tempo dissera a ele, testemunha, que tinha dinheiro para comprar dois ou três negros se quisesse e mais não disse deste.

Tt^a. 28^a.

Tomé da Rocha Naval, meirinho da Fazenda Real neste continente, por ora morador no Rio Pardo, de 38 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe por ouvir queixar o provedor e tesoureiro que os soldados que vieram de Castilhos, tanto que chegaram à dita Vila, entraram nos armazéns reais, violentando o dito tesoureiro, e deles tiraram armas e outras algumas coisas, e que os mesmos, da parte do Norte, se serviram para os seus transportes da cavallhada de Sua

Majestade que ali havia, porém não sabe quantos, nem quem foram os ditos soldados e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também pelo ouvir dizer publicamente que alguns dos mesmos soldados desbarataram alguns fardos de fazenda de homens de negócio, já da banda do Norte, e deles lhe tiraram algumas coisas e especialmente ouviu queixar nesta matéria a um Gonçalo Pereira da Cunha, que hoje se acha assistente na Vila da Laguna e a João Duarte Serrão, que passou para o Rio de Janeiro, porém também não sabe quem foram os ditos soldados e mais não disse deste.

Tt^a. 29^a.

Manoel Jorge da Silva que vive nas suas estâncias, morador que foi no Rio Grande e ora na fazenda dos Palmares, de 68 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe por ser público que, depois de haver notícia na Vila do Rio Grande da entrega de Castilhos com a confusão e desordem que esta causou, se cometeram vários roubos e que até se arrombaram os armazéns de El Rei, donde se tiraram várias coisas que neles havia e que da parte do Norte os soldados que para ela passaram não só pegaram nos cavalos que acharam de El Rei, mas ainda nos de particulares, deixando quase todos os paisanos a pé com suas famílias, como foi ele, testemunha, tendo para cima de trezentos cavalos mansos na sua fazenda de que só lhe escaparam alguns poucos que tinha mandado ir pela praia para o seu transporte e lhe chegaram depois de ter andado mais de quinze léguas a pé, porém não sabe as pessoas que cometeram os ditos furtos e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também pela mesma razão que tanto na dita Vila como da parte do Norte se fizeram vários roubos e violências a muitas pessoas, de sorte que rara era a que se não queixava, porém ele, testemunha, também não sabe quem os cometera, sabe só que, querendo um soldado a que não sabe o nome, tirar-lhe uma canoa

violentamente indo a descarregar-lhe a catana sobre a cabeça, lhe gritara outro soldado por nome Manoel da Silva Lisboa, que tivesse mão porquanto era ele, testemunha, e por essa causa o deixara e mais não disse deste.

Tt^a. 30^a.

Francisco Lopes de Matos, tenente das ordenanças de cavalaria da companhia do capitão Antônio José Pereira, que vive de sua estância, morador que foi do Rio Grande e de presente no sítio dos Palmares, de 30 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – nada disse.

XII – disse que na Vila do Rio Grande, como também da parte do Norte, se fizeram vários roubos nos bens e fazendas dos mercadores da dita Vila e que disso muitos se queixaram, mas não sabe quem cometera os ditos furtos e mais não disse deste.

Tt^a. 31^a.

Manoel Rodrigues Jorge, alferes da cavalaria da ordenança deste continente da companhia do coronel, morador na fazenda dos Palmares, que vive de sua estância, de 43 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – nada disse.

XII – nada disse.

Tt^a. 32^a.

José Pinheiro Soares do Lago, morador que foi do Rio Grande, onde vivia de sua estância, de 59 anos pouco mais ou menos.

X – disse que só sabe pelo ouvir dizer publicamente que os soldados que se escaparam de Castilhos, entrado na Vila do Rio Grande,

cometeram várias desordens, como foram arrombar portas, quebrar mesas, cadeiras e outros trastes semelhantes que encontravam e desfundar as pipas de vinho e aguardente que havia nos armazéns, o que diziam obravam para que os inimigos se não utilizassem daquelas coisas e mais não disse deste

XI – nada disse.

XII – nada disse.

Tt^a. 33^a.

José da Costa Luiz que vivia da sua estância na Vila do Rio Grande e ora assistente no sítio chamado as Lombas, de 57 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que só sabe por ouvir dizer que alguns soldados que vieram fugitivos de Castilhos e passaram para a banda do Norte pegaram os cavalos reinóis que daquela parte havia, apanhando cada um os que pode para neles se retirarem e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também por ser público que os ditos soldados, tanto dentro da Vila, como na banda do Norte, roubaram muita fazenda a várias pessoas, especialmente a um Manoel da Costa Portela, a quem violentamente entraram em casa, além de outra muita fazenda de que se aproveitaram, pertencente a João Duarte Serrão, porém também ouviu dizer que este lhes dera pela não poder conduzir, mas não sabe quem foram os que fizeram os ditos furtos e mais não disse deste.

Tt^a. 34^a.

João Correia Madri, morador que foi na Vila do Rio Grande e ora assistente neste sítio da Capela de Viamão, de 39 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe pelo ouvir dizer que da igreja tiraram algumas coisas, porém não sabe o que, nem as pessoas que as tiraram e mais não disse deste.

XI – disse que também quando passou pela dita Vila, vira os armazéns de El Rei abertos e espalhadas as armas ainda pelo meio da rua, das quais se aproveitavam todos os que queriam, como também sabe que dos cavalos reinóis se aproveitaram todos os que puderam pegar para a sua marcha, especialmente os soldados e mais não disse deste.

XII – disse que também é público que se cometeram vários furtos em fazendas de particulares, porém, ele, testemunha, também não sabe as pessoas que os cometeram e só na sua companhia vieram dois soldados, um por nome Francisco Bessa e outro de alcunha o Bexiga, com duas cargas de fazenda, porém lhe disseram que o dono lhes havia dado e mais não disse deste.

Tt^a. 35^a.

Antônio José da Rosa, cabo de esquadra de Dragões da companhia do tenente coronel, de 40 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que, quando ele, testemunha, chegou ao Rio Grande viu abertos os armazéns de El Rei, tanto da farinha como das armas, e neles entrando toda a casta de pessoas que queria, tirando o que neles se acharam e mais não disse deste.

XII – nada disse.

Tt^a. 36^a.

Domingos de Lima Veiga, alferes da ordenança da Vila do Rio Grande e hoje morador no Porto dos Casais, de 41 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe pelo ouvir dizer que os soldados que vieram fugitivos de Castilhos, entrando na Vila do Rio Grande, alguns deles

cometeram várias desordens e roubos, pelo que toca coisas de igreja, ouviu dizer se havia tirado o vaso da comunhão, porém, depois, também se disse estar averiguada por falsa esta notícia e só se dá por certo que falta uma vara de prata da Confraria do Santíssimo ou de Nossa Senhora do Rosário, porém não sabe, nem ouviu dizer quem a tirou, nem em poder de quem se acha e mais não disse deste.

XI – nada disse.

XII – disse que também é público que na mesma ocasião se fizeram vários roubos a alguns mercadores da mesma Vila, porém que também ouvido dizer que um deles, por nome João Duarte Serrão, possuindo alguns mil cruzados de fazenda, vendo que a não podia por em salvo, a ofereceu ao cabo de esquadra de Dragões chamado Claudio que por sobrenome não perca, dizendo-lhe que a repartisse por seus camaradas, para que dela se utilizassem antes que os inimigos e mais não disse deste.

Tt^a. 37^a.

Antônio Ferreira Veloso, alfaiate, morador que foi do Rio Grande, assistente por ora na fazenda de Capivari, de 54 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe pelo ouvir dizer publicamente que os soldados que vieram de Castilhos, alguns deles entraram nos armazéns de El Rei que havia na Vila e deles tiraram algumas coisas e quebraram outras, e que da banda do Norte os mesmos soldados apanharam os cavalos que apareciam não só de Sua Majestade, mas ainda de particulares, para neles se retirarem, ficando a maior parte do povo e ainda mesmo governador e oficiais da Fazenda sem ter em que se transportarem e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também por ser público que muitos dos ditos soldados arrombaram alguns fardos de fazendas dos homens de negócio da dita Vila, de que tiraram as que lhe pareceu contra a vontade

de seus donos, porém que também tem ouvido dizer que alguns deles lhes deram a e mais não disse deste.

Tt^a. 38^a.

Inácio Osório Vieira, escrivão da Câmara e tabelião do judicial e notas do Rio Grande e ora assistente neste sítio da Capela de Viamão, de 38 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe também pelo ouvir dizer na dita Vila do Rio Grande alguns soldados tiraram da igreja algumas coisas, como fora o vaso sagrado e a coroa da Senhora, porém depois também ouviu dizer que era falsa esta notícia, porque tudo que se achava na mesma igreja, menos o pálio que também ouviu dizer que, de parte dele, se fizeram chinelos para mulheres, porém não sabe os nomes das pessoas a quem se imputa semelhante delito e mais não disse deste.

XI – nada disse.

XII – disse que também ouviu queixar a algumas pessoas que alguns dos ditos soldados lhe haviam roubado suas fazendas, porém também lhe não sabe os nomes e mais não disse deste.

Tt^a. 39^a.

Antônio de Souza Sardinha, escrivão da Vintena, deste distrito da Capela de Viamão, de 37 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe pelo ver que os soldados que vieram de Castilhos e passaram para a banda do Norte, logo que a ela chegaram, pegaram os cavalos que acharam reinóis e de particulares, cada um quantos podia ajuntar e com eles se retiraram para onde quiseram, e que ouviu dizer que entre quatro soldados, João Nunes, Domingos de Meira, José de Mendonça e outro de que se não lembra o nome, se perfizera o número de duzentos cavalos de particulares, que os sobre-

ditos apanharam e passando-os para Cima da Serra, lá os dispuseram, indo o dito Domingos de Meira vendê-los, e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também por ser público que os mesmos soldados, tanto na Vila como na banda do Norte, fizeram vários furtos a muitas pessoas, especialmente, a um Apolinário Antônio e a um João Duarte Serrão, a quem ouviu dizer tiraram a maior parte da fazenda que tinha, repartindo-as o cabo de esquadra Claudio Antônio entre si e os seus camaradas, como fora o irmão do dito cabo, por alcunha o Quanha, Manoel Leite e outro chamado de alcunha Barriga, e outros mais de que se não lembra os nomes, muitos dos quais viu ele, testemunha, andar vendendo as ditas fazendas por este sítio da Capela e suas vizinhanças, por preços tais que mostravam serem furtados, pois chegavam a vender o lemiste a três patacas a vara castelhana de quatro palmos e mais não disse deste.

Tt^a. 40^a.

Antônio Carvalho da Silva, morador que foi do Rio Grande, onde vivia de seu negócio e hoje assistente neste sítio da Capela, de 35 anos pouco mais ou menos.

X – disse que, sendo ele, testemunha, o tesoureiro da Confraria de Nossa Senhora do Rosário, tendo em sua casa em um cofre de três chaves algumas coisas pertencentes à dita Confraria, a saber três mantos de Nossa Senhora ricos, um côvado de sede de matizes e ouro que servia para fazer cortina à porta do sacrário, uma coroa de prata e a vara de juiz também de prata desmanhada em canudos, algumas fitas e galões, o livro das quitações das missas e outras miudezas, estando ele, testemunha, da banda do Norte, lhe foram à casa e, quebrando-lhe as portas dela e juntamente o dito cofre, lhe levaram as sobreditas coisas, entre as quais se achavam mais de duas patenas douradas de que já se não usava e vindo ao outro dia para passar o dito cofre para a mesma banda do Norte, achou haver-se feito o dito furto e indagando quem o fizera, nunca pode alcançar notícia certa e só achou que os

três mantos se entregaram ao vigário desta Capela e que nela se acham e que o côvado de seda fora visto na mão do soldado Manoel da Silva Lisboa, procurando quem lhe comprasse e mais não disse deste.

XI – nada disse.

XII – disse que sabe também por ser público e notório que alguns soldados que vieram de Castilhos cometeram grandes desordens na Vila do Rio Grande e, especialmente, muitos roubos aos homens de negócios da mesma Vila, arrombando as lojas a uns e a outros tirando os fardos de fazendas que tinham no embarcadouro, como foram especialmente a João Duarte Serrão, Manoel da Costa Portela e Custódio Machado, e que também da banda do Norte ouviu dizer Apolinário Antônio lhe haviam arrombado um baú de que lhe haviam tirado dinheiro e peças de ouro e prata, e que, além destes, se haviam feito outros furtos da mesma parte, porém não sabe quem os cometera, mais do que ouvir dizer que o soldado João Nunes vendera dois cordões de ouro pertencentes ao dito Apolinário, ao mestre de uma lancha que navega de Santa Catarina para Laguna, chamado Caetano da Silveira, e que o cabo Claudio Antônio, com seu irmão, foram vistos a vender muita fazenda por este continente de Viamão e mais não disse deste.

Tt^a. 41^a.

Crispim Pereira, oficial de pedreiro, morador que foi do Rio Grande e ora assistente nesta Povoação da Capela, de 42 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe também pelo ouvir dizer publicamente que os soldados que vieram de Castilhos, alguns deles haviam tirado algumas coisas da igreja, porém não sabe o quê nem quem foram os ditos soldados e mais não disse deste.

XI – disse que sabe também pela mesma razão de ouvir que alguns dos mesmos soldados se foram ter com o tesoureiro da Fazenda Real e o obrigaram a que lhe abrisse os armazéns dizendo se queriam vestir

do que neles se achava e que, com efeito, com o temor deles lhes abrira, e pelo respeito aos cavalos que se achavam desta banda do Norte viu ele, testemunha, que os mesmos soldados pegavam nos que havia, levando-os diante de si na sua retirada e nada mais disse deste.

XII – disse que sabe também pela mesma razão de ser público que os mesmos soldados saquearam várias lojas de mercadorias da dita Vila e roubaram de outro a muita fazenda que se achava pelas praias tanto na banda da mesma Vila como na do Norte, porém não sabe quem foram os ditos soldados e mais não disse deste.

Tt^a. 42^a.

João Rodrigues Guimarães, soldado Dragão da companhia do tenente coronel, assistente no quartel do Rio Pardo, de 32 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que indo ele, testemunha, depois de estar da banda do Norte, à Vila do Rio Grande buscar uns arreios à casa do governador, por ordem deste, vira os armazéns reais abertos e dentro deles vários soldados remexendo tudo o que neles havia, e que, da banda do Norte vira que os mesmos, ajuntando todos os cavalos reinóis e de particulares que achavam os levavam por diante de si e muitos deles vendiam aos paisanos que caminhavam a pé com mulheres e crianças que não podiam conduzir a troco de peças de ouro lavrado, baetas e tudo que tinham e que destes só especialmente se lembra do cabo de esquadra José Marques a quem viu vender um macho a uma mulher por uma dobra, o qual pouco depois lhe mandou tomar por um peão e o tornou a vender a outra pessoa do que a mesma mulher veio a fazer queixa ao governador, que ele não pode remediar e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também pelo ver e ser público que os ditos soldados roubaram várias fazendas de mercadores e homens de negócio da mesma Vila, indo-se ter com eles, dizendo-lhes que saíssem para fora das lojas, que aí vinha o inimigo e que repartissem as ditas

fazendas por aqueles camaradas que se achavam nus, o que valia mais que perdê-las e que alguns dos ditos mercadores, amedrontados, largavam as ditas fazendas e eles as repartiam entre si, publicando quem lhes haviam dado e que os que isso obraram foram o dito Claudio Antônio com os seus agregados de que acima tem deposto, além dos mais a que não sabe os nomes e mais não disse deste.

Tt^a. 43^a.

Antônio de Souza Fernando que vive de suas fazendas, morador na sua estância em Sapucaia, de 65 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe por ser público que na igreja do Rio Grande se fizeram alguns furtos, como foram uns mantos de Nossa Senhora que se acharam em poder de uns ilhéus, já nesta parte do Norte, junto com outras fazendas furtadas, as quais entregara nesta Capela ao vigário, o padre José Carlos, o alferes Bernardo José Pereira Guimarães, como também tem notícia que um côvado de seda e ouro, que era da mesma igreja e que tinha servido de cortina do sacrário, o quiseram vender a uma neta dele, testemunha, filha do capitão Francisco Pinto Bandeira, a qual, desconfiando ser coisa da igreja, o não quisera comprar e o entregara, porém não disse a que pessoa, mas que o saberia da dita sua neta e mais não disse deste.

XI – nada disse.

XII – disse que sabe também pelo ser público que na dita Vila do Rio Grande e da parte do Norte cometeram os soldados que vieram de Castilhos muitos furtos, tirando com violência tudo que achavam a seus donos, sem respeito a pessoa alguma, arrombando portas, caixas e baús, de onde entendiam poder haver fazenda e mais não disse deste.

Tt^a. 44^a.

Antônio Gaspar Teixeira dos Reis, tenente de infantaria da Praça de Santos e de presente destacado na Barranca, de 36 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe também pelo ser público que os soldados que vieram de Castilhos cometeram muitos roubos na Vila do Rio Grande, fazendo outros excessos, porém ele, testemunha, não sabe coisa alguma com individuação e mais não disse deste.

XI – nada disse.

XII – disse que além do que tem dito só sabe que o cabo Francisco Soares, quando se retirara da Barranca, levara consigo uma mulher casada com outro soldado que anda desertor, porém, sem violência, nem do marido, nem da mesma mulher, antes por vontade desta e mais não disse deste.

Tt^a. 45^a.

Gaspar de Sousa Cabral que vive de sua estância, morador no Pontal do Norte, de 40 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe também pelo ser público que os soldados que vieram de Castilhos fizeram vários roubos tanto na Vila como na banda do Norte e arrombando portas e caixas de muitas pessoas, porém não sabe quem foram os ditos soldados e mais não disse deste.

XI – nada disse.

XII – nada disse.

Tt^a. 46^a.

Manoel de Sousa Turino, lavrador, morador que foi do Rio Grande e de presente da Barranca do Norte, de 62 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe pelo ouvir dizer que alguns soldados violentaram o tesoureiro para lhe abrir o armazém das armas e que dele

tiraram algumas coisas e que outros arrombaram com um machado o armazém das farinhas, porém não sabe, nem ouviu dizer o nome deles e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também pelo ouvir dizer que os mesmos soldados fizeram vários furtos de fazendas aos homens de negócios da mesma Vila, especialmente a João Duarte Serrão e Manoel da Costa Portela e ele, testemunha, viu a um aventureiro paulista, por nome Matias Bueno, andar pelo caminho quando se vinha retirando da Barranca, vendendo alguma fazenda a qual também ouviu dizer que o dito soldado dizia tinha comprado a um mercador chamado Gonçalves, por alcunha Catraio, que se passou para a Ilha de Santa Catarina e mais não disse deste.

Tt^a. 47^a.

João da Cunha, estancieiro na Barranca do Norte, termo da Vila do Rio Grande, de 50 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – nada disse.

XII – disse que sabe por ser público que na Vila do Rio Grande e da parte do Norte se fizeram vários furtos, arrombando alguns baús e caixas e mais não disse deste.

Tt^a. 48^a.

Antônio Machado Pereira, estancieiro que era no Rio Grande e de presente morador na Barranca, de 45 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe pelo ouvir dizer publicamente que alguns soldados dos que vieram de Castilhos, chegando à Vila do Rio Grande, arrombaram os armazéns reais e deles tiraram algumas coisas, como também que da banda do Norte apanharam toda a cavalhada que

havia, tanto reinol como de particulares, para nela se retirarem e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também pelo ser público que os mesmos soldados fizeram alguns furtos de fazendas a homens de negócio da dita Vila, especialmente a João Duarte Serrão e Manoel da Costa Portela, arrombando a porta da loja deste último, o qual, vindo de fora e achando-os ainda na mesma loja, repartindo a dita fazenda, o botaram para fora com ameaças, e também ouviu queixar a um Apolinário Antônio que da banda do Norte lhe haviam arrombado um baú e tirado de dentro dele algum dinheiro e peças de ouro e prata e alguma roupa, porém não sabe os que cometeram os ditos furtos e só o mesmo Apolinário lhe dissera tinha notícia que um soldado Dragão, pardo, filho de Mendonça, com outros soldados eram os que lhe haviam arrombado o dito baú, e também na Vila da Laguna viu preso a um paulista, o aventureiro por nome Matias, a requerimento do dito João Duarte Serrão, por dizer haviam vendido alguma fazenda da que se lhe havia furtado e ele, testemunha, com efeito, viu vender a fazenda ao dito aventureiro pelo caminho, quando se ia retirando para a dita Vila da Laguna, para onde também se retirou ele, testemunha, e mais não disse deste.

Tt^a. 49^a.

Francisco Cordeiro, cirurgião da expedição e de presente morador na Barranca, de 31 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – nada disse.

XII – disse que sabe também por ser público que alguns soldados que vieram de Castilhos, entrando na Vila do Rio Grande, fizeram alguns roubos a várias pessoas da mesma Vila e cometeram outras muitas desordens, e também ouviu dizer que a dois ilhéus lhe tiraram as mulheres, porém não sabe que fossem os ditos soldados e só se lembra que o soldado Dragão chamado Félix Fernandes com outros muitos armaram uma bulha em que haveria grande ruína por se acha-

rem quase todos com armas de fogo já prontas a dispararem, e outros com catanas, mas se ele, testemunha, os não apartasse, porém não sabe o motivo da dita bulha e mais não disse deste.

Tt^a. 50^a.

Antônio Ferreira Amarante, morador que foi do Rio Grande, onde vivia do seu negócio, assistente por ora no acampamento da Barreira, de 33 anos pouco mais ou menos.

X, XI e XII – nada disse.

Tt^a. 51^a.

Antônio Rodrigues, morador no Chuí, termo da Vila do Rio Grande e do presente assistente na Barranca onde vive de seu negócio, de 41 anos pouco mais ou menos.

X, XI e XII – nada disse.

Tt^a. 52^a.

Manoel Borges da Costa, capitão de infantaria da Praça de Santos, destacado no Rio Grande e ora na Barranca do Norte, de 66 anos pouco mais ou menos.

X – disse que sabe por ser público e notório que dos soldados Dragões que vieram de Castilhos, tanto que chegaram à Vila do Rio Grande, se puseram sem obediência a pessoa alguma, dando tiros a todas as pessoas que passavam em embarcações para as apanharem, cobrando coisas inauditas e especialmente ouviu dizer que alguns entraram na igreja e dela tiraram um pódio rico e algumas opas das irmandades que traziam vestidas, porém não sabe os nomes dos ditos soldados e mais não disse deste.

XI – disse que sabe pela mesma razão que os mesmos soldados arrombaram os armazéns reais e deles tiraram algumas coisas, como

também que da banda do Norte apanharam toda a cavalcada reinol que havia e com ela partiram para onde quiseram, sem ninguém lhe poder ter mão e mais não disse deste.

XII – disse que sabe também pela mesma razão que os ditos soldados fizeram roubos aos mercadores da dita Vila, de que se queixavam publicamente ainda que alguns dos ditos soldados diziam que os mesmos mercadores lhes tinham dado a dita fazenda e mais não disse deste.

Tt^a. 53^a.

José da Silveira Bitencourt, juiz ordinário do Rio Grande e seu termo morador na sua estância, de 44 anos pouco mais ou menos.

X – nada disse.

XI – disse que sabe pelo ouvir dizer publicamente que alguns soldados dragões entraram nos armazéns reais violentamente e deles tiraram algumas coisas e dos que isto fizeram só ouviu nomear o cabo de esquadra Francisco Soares e mais não disse deste.

XII – disse que também sabe por ser público que alguns dos ditos soldados fizeram furtos de fazendas a vários mercadores da dita Vila, sendo os principais agressores deles o cabo de esquadra Claudio Antônio, seu irmão chamado de alcunha o Eguanha, Manoel Leite, um *fulano* Bessa e Francisco da Costa, por alcunha o Bexiga, os quais todos publicamente venderam muita da dita fazenda por este continente do Viamão, especialmente para as partes do registo. E sabe outrossim também por ser público que indo deste sítio do Viamão o soldado Luiz de Brito com outro por nome Joaquim Manoel, com ordem segundo sua lembrança do capitão Antônio Pinto Carneiro, a explorar a Barranca do Norte, encontrando-se junto da fazenda de São Simão com um peão que vinha para dentro e trazia em sua companhia uma moça com que estava contratado para casar e a mãe da mesma moça, o dito soldado Luiz de Brito lhe tirara a dita moça e, depois de usar mal dela, lhe furtara umas peças de ouro que trazia e uma pistola ao

dito peão, o qual ele, testemunha, não sabe como se chama, e ainda que depois deste caso assistiu algum tempo em sua companhia e lhe contou o referido e hoje se acha o dito peão juntamente com a moça e mãe desta em poder dos castelhanos. E sabe, outrossim, também pelo ouvir dizer que o dito soldado Luiz de Brito também em outra ocasião, encontrando-se em caminho nas vizinhanças desta Povoação com uma moça por nome Francisca, a pretendia violar e lhe roubara ou intentara roubar uma pele de carneiro a que vulgarmente chamam de pelego, que a dita moça trazia o cavalo e mais não disse deste.

Tt^a. 54^a.

Antônio Pinto Carneiro, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, capitão de Dragões do partido das Minas Gerais e comandante dos povos da Aldeia de Viamão, de 40 anos pouco mais ou menos.

X – disse que só sabe pelo ouvir dizer que o soldado dragão por alcunha o Portoló, com outros andando bêbados, traziam vestidos umas opas das confrarias e com as varas da câmara e algumas luzes andavam pelas ruas como em procissão, e o soldado Manoel da Silva Lisboa lhe mostrou um retalho de seda branca, ramos de ouro e matizes, convidando a ele, testemunha, para que lhe comprasse, o que não quisera fazer ainda que não suspeitou que fosse da igreja, como ao depois que soube e que como tal se entregou ao vigário desta freguesia, em mão de quem se acha, e posto que também foi público que se havia furtado a âmbula do sacrário da mesma igreja, tem ele, testemunha, por falsa esta notícia, porquanto indo ele, testemunha, depois da tomada da Vila do Rio Grande na mesma Vila, vira na igreja dela, andar dando a sagrada comunhão em uma âmbula que supôs seria a da mesma igreja e mais não disse deste.

XI – disse que sabe por ouvir dizer que o soldado Manoel Pereira de Magalhães e outros arrombaram o armazém grande da Rua Direita e que o cabo Francisco Soares também com uma machadinha dera vários golpes nas grades de pau de uma janela do dito armazém, não

sabe se antes ou depois de arrombado ou no ato de se arrombar, e também ouviu queixar ao tesoureiro dos mesmos armazéns que um soldado a que não sabe o nome lhe metera uma arma, dizendo que lhe pusesse ali uma camisa e mais não disse deste.

XII – disse que sabe por ser público que muitos soldados e peões trouxeram fazendas que venderam por estas partes, dizendo, porém, lhes tinham dado especialmente um mercador por nome *fulano* Serão, o que ouviu dizer confirmavam algumas cartas do vigário da dita Vila, que havia escrito a várias pessoas, como também uma justificação que nesta Povoação fizeram os soldados Dragões Francisco da Costa Novaes, por alcunha o Bexiga, e Francisco Bessa, e que além disto, também ouviu dizer se fizera um furto a um Apolinário que por sobrenome não perca, arrombando-lhe um baú em que tinha algum dinheiro, peças de ouro e roupa, no qual fora cúmplice José Soares e seus filhos, segundo lhe disse um peão de El Rei por nome Valentim, espanhol de nação e mais não disse deste.

Tt^a. 55^a.

Félix Gomes de Figueiredo, provedor da Real Fazenda desta Ilha de Santa Catarina, de 56 anos pouco mais ou menos.

X, XI e XII – nada disse.

Tt^a. 56^a.

Bernardo José Guedes, alferes de Dragões do Regimento do Rio Grande da companhia do coronel e ora preso nesta Fortaleza da Ilha das Cobras, de 39 anos pouco mais ou menos.

X, XI e XII – nada disse.

Tt^a. 57^a.

Simão Toledo de Almeida, capitão de aventureiros, natural da cidade de São Paulo e ora preso nesta Fortaleza da Ilha das Cobras, e 38 anos pouco mais ou menos.

X, XI e XII – nada disse.

Tt^a. 58^a.

João Gomes de Melo, ajudante engenheiro da cidade da Bahia e ora preso em custódia nesta Fortaleza da Ilha das Cobras, de 53 anos pouco mais ou menos.

X, XI e XII – nada disse.



DIRECTORIA

DIRECTOR: ERNESTO RODRIGUES

DIRECTORES-ADJUNTOS: JOSÉ EDUARDO FRANCO
ANA PAULA TAVARES

SECRETÁRIA: LUÍSA MARINHO ANTUNES

VOGAIS: LUÍS DA CUNHA PINHEIRO
PAULA CARREIRA



DIRETORIA

PRESIDENTE: PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

VICE-PRESIDENTE: FRANCISCO DAS NEVES ALVES

DIRETOR DE ACERVO: MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO: PAULO SOMENSI

2º SECRETÁRIO: LUIZ HENRIQUE TORRES

1º TESOUREIRO: VALDIR BARROCO

2º TESOUREIRO: ROLAND PIRES NICOLA



Conselho Editorial

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Carlos Carranca (Universidade Lusófona)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (Universidade de Lisboa)

Francisco das Neves Alves (FURG)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

José Eduardo Franco (CIDH-CLEPUL)

Luiz Henrique Torres (FURG)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Vania Pinheiro Chaves (CLEPUL)



**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto “UID/ELT/00077/2013”**



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



CLEPUL Centro de Estudos
de Língua Portuguesa
da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

